

A LÍNGUA E O TERRITÓRIO

Sylvain Bureau

[CONTOS E
CRÔNICAS]

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**



A LÍNGUA E O TERRITÓRIO

Sylvain Bureau



Copyright © 2024 para A. R. Publisher Editora

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, da editora. Todos os direitos reservados desta edição 2024 para a editora.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Angela Ramalho

Editora

Eliane Arruda

Revisão

Carlos Alexandre Venancio

Preparação dos arquivos e capa

Manuela Sanchez

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

B952l Bureau, Sylvain.
A língua e o território / Sylvain Bureau. – 1. ed. – Maringá, PR : A. R. Publisher Editora, 2024.
130 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5422-083-5 (impresso)

ISBN 978-65-5422-105-4 (e-book)

1. Estrangeiro. 2. Idioma. 3. Língua Portuguesa. 4. Viagem. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD 869.93

CDU 82-34(81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: conto.
2. Literatura: conto (Brasil).

BUREAU, Sylvain. **A língua e o território**. 1. ed. Maringá, PR: A. R. Publisher Editora, 2024.

A LÍNGUA E O TERRITÓRIO

Sylvain Bureau



Sumário

Prefácio.....	15
1 O Caso Sahapi.....	17
<i>#diáriodeumgringo</i> 1 Eis a questão	23
2 O amor em alemão, a metade do limão	25
<i>#diáriodeumgringo</i> 2 Maraconada.....	29
3 Opa, oba, boba	31
<i>#diáriodeumgringo</i> 3 Siuvahini.....	35
4 Rótulos.....	37
<i>#diáriodeumgringo</i> 4 Senhora Kiksiker	43
5 Budapeste.....	45
<i>#diáriodeumgringo</i> 5 Geografias	51
6 Crianças francesas não falam francês.....	53
<i>#diáriodeumgringo</i> 6 Liquidificador.....	55
7 A Revanche	57
<i>#diáriodeumgringo</i> 7 Balada.....	61
8 A Aula de França	63
<i>#diáriodeumgringo</i> 8 Banco	71
9 Vou de táxi.....	73
<i>#diáriodeumgringo</i> 9 Bonjour.....	77
10 Em busca à palavra perdida.....	79
<i>#diáriodeumgringo</i> 10 Bolachinha	83
11 Ataque de onça	85
<i>#diáriodeumgringo</i> 11 Intimidades.....	89
12 New Paris	91
<i>#diáriodeumgringo</i> 12 Gringo é gringo	97
13 Merde, putain.....	99
<i>#diáriodeumgringo</i> 13 Capacete	105
14 Tapas e beijos	107
<i>#diáriodeumgringo</i> 14 Sentimenções.....	113
15 Sou mosaico.....	115
<i>#diáriodeumgringo</i> 15 Fique com Deus	119
16 Bússola	121
Epílogo	127

SOBRE A LÍNGUA E O TERRITÓRIO

Aprender uma língua estrangeira sempre é uma viagem. As crônicas de *A Língua e o Território* tratam das aventuras de um Europeu em língua portuguesa. Voltando sobre sua infância no Vale do Loire, o autor, francês, conta as peripécias que o trouxeram para o Brasil, desde sua vida de estudante na Alemanha onde descobriu o Paraná, até o fim de seu relacionamento amoroso em Curitiba. Através de dezesseis textos, oferece ao leitor brasileiro uma pequena viagem dentro dos sons e das palavras que o encantaram ao chegar aqui: a primeira vez que identificou uma palavra em português, a impossibilidade cotidiana de ter seu nome bem pronunciado, os clichés sobre a França que o seguiram em sua vida pessoal e profissional, e a vida que imperturbavelmente segue em frente. Mas além do bom humor e da leveza, questiona a relação complexa que move a língua e o território, suas impermeabilidades terríveis e a poesia de seus confrontos, jogando uma luz carinhosa sobre territórios íntimos, senão inéditos, muitas vezes inesperados.

SOBRE O AUTOR

Nascido em 1984 em Orléans na França, Sylvain Bureau veio ao Brasil com vinte e cinco anos, atrás de um grande amor. É formado em Letras - Alemão, pela universidade de Orléans, em Ciências Políticas, pelo Instituto de Ciências Políticas de Lyon e possui mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Paris-Sud 11. Em 2020, concluiu um doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná sobre autoficção. Depois de doze anos em Curitiba, voltou a morar na França. Atua hoje como professor de letras em Lyon.

*Para Valentin,
que decifrou comigo
territórios desconhecidos.*

Devia ser proibido debochar de quem
se aventura em língua estrangeira.

Budapeste, Chico BUARQUE

Prefácio

Reza a lenda que as almas escolhem seus pais para encarnar uma vida; será que elas também escolhem seu país? Eu nasci em francês, em um vilarejo do Vale do Loire, há algumas décadas já. Costumo dizer que deixei a vida me levar e que aterrissei no Brasil *par hasard*. Em francês, *hasard* não é *má sorte*; apenas se refere a uma mera *coincidência*. Então cheguei no Brasil *por coincidência* da vida, sem saber nada deste belo país. Nada, nada; perdão. Mas aprendi a me virar. Fiz muitos encontros, alguns desencontros também, me separei do amor que me trouxe aqui e com o qual tive um filho maravilhoso. Apesar de tudo, decidi ficar perto dele. Todo mundo merece um pai. Mas também todo mundo merece um pai feliz, e isso foi a parte mais difícil de alcançar.

Hoje em dia, cada vez que volto à Europa, sinto que uma parte de mim pertence ao outro lado do oceano, ao Brasil. Já sei que nunca serei brasileiro por inteiro, mas meu coração para sempre baterá aos sons daqui. Todas essas palavras que absorvi ao longo dos últimos anos agora fazem parte de mim. E ainda hoje, todos os dias com os brasileiros que encontro pelo mundo, descubro, sem nem procurar, novas expressões, costumes, referências incríveis: o português, bem como o Brasil, se tornou uma exploração infinita.

Quando pisei pela primeira vez no aeroporto de Guarulhos, nunca imaginei um dia escrever um livro em português, eu que mal sabia falar *bom dia*. Uma série de acontecimentos fez com que acabasse entrando no doutorado em Letras na UFPR, e tivesse a ideia de contar essa minha jornada que foi aprender a língua portuguesa. Essas crônicas são o fruto das poesias que o Brasil me inspirou durante a travessia, humildes reflexões pessoais sobre a relação entre a língua e o território. Podem ser

lidas como as aventuras e desventuras de um pequeno gringo chegado pela magia do destino em terra brasileira, à qual ele sempre será muito grato, tanto pelo acolhimento e as lições de vida, quanto por todas as palavras doces que tem ouvido desde a aterrissagem.

Amigos brasileiros, nunca terei como retribuir cada um de vocês. Vai aqui então com essas páginas minha modesta retribuição.

Sylvain Bureau

1

O Caso Sahapi

Era um jantar em um sábado à noite na casa da Rafaela. Devia ter uns cinco casais de amigos, todos brasileiros, ao redor de uma mesa de madeira retangular e iluminada por um lustre que assombrava toda sala com seu jato de luz. Os rostos se mexiam como no cenário de um interrogatório de suspeitos em um filme policial. Ao meu lado direito, minha amada B. se esforçava em traduzir para o alemão — naquela época, nossa língua comum, pois nos conhecemos na Alemanha — as intervenções mais relevantes dos seus amigos para eu não me sentir tão exilado. Porém, o vinho veio iludir as mentes, e logo fiquei mergulhando no fluxo pastoso de sons indistintos que ninguém traduzia para mim. Em outras palavras: boiei.

Escutar a sinfonia de uma língua estrangeira sem poder pegar uma sequer palavra é como escutar uma música barroca gostando de hard rock: confuso. Pensando bem, todos nós já passamos por tal experiência certo dia, ao aprender nossa língua materna no início de nossas vidas, mas ninguém lembra. Nós, bebês, vivenciamos semanas, meses, banhados nessas mastigações sonoras até poder distinguir unidades de sons, sílabas, palavras, frases. Neste jantar, eu devia ter apenas alguns dias de Brasil e posso confessar que eu me sentia igual a recém-nascido. Eu não sabia falar nada, nem *oi*, nem *bom dia*, nem *joia*, nem *saravá*. Era como não possuir um dos cinco sentidos, como ser surdo, mudo, deficiente, excluído. Um tipo de Robinson Crusóe na ilha errada. Se bem que exista uma ilha certa. Então fiz a única coisa que eu podia fazer em silêncio: beber.

Para não me entediar tanto nessa orgia de sabores, de cheiros e de sons tropicais, comecei a observar as bocas agi-

tadas dos convidados que misturavam garfadas de risoto de peras e queijo brie – uma delícia – com palavras que eu tentava pescar, resgatar, catar, mas que inevitavelmente fugiam das minhas presas mentais. A minha sorte era que de vez em quando, as bocas explodiam em gargalhadas barulhentas que, no absurdo da cena, também me faziam rir.

Eu não sei se o que aconteceu depois veio do vinho, do risoto ou do brie misturado com as peras, mas a única certeza que eu tenho é que aconteceu sem vontade própria, sem tentativa de controle ou intervenção divina, aconteceu por si mesmo, como aconteceu o Big Bang ou meu nascimento. Um tipo de luz. Um acaso. Um choque.

Veio da Patrícia. Essa moça linda que ficava ao lado direito da B. tinha uma fala muito articulada e uma voz suave, clara e pousada, que uns dentes perfeitamente brancos e lindamente alinhados jogavam para fora de tal maneira que qualquer ouvinte não nativo do português — no caso, eu — ficava hipnotizado pela beleza da sua prática verbal. Lembro muito bem do momento. Eu estava mastigando e sentindo no meu paladar a doce harmonia dos sabores exóticos do risoto, única ilha acessível para mim naquela noite, quando me deparei com o fenômeno. De repente tranquei o movimento da mandíbula e observei em silêncio o que havia acontecido, os olhos alertas: no meio dessa fondue de palavras, no seio dessa selva de barulhos, no êxito dessa pasta líquida que era a fala de todos esses indivíduos, eu tinha notado uma repetição.

Repetir é como bater em uma porta para entrar. *Toc toc toc.* Entre.

A Patrícia já não segurava mais os talheres, seus cotovelos estavam colados na mesa e ela agitava as mãos em cima do seu prato vazio, falando diretamente com a Rafaela que estava na frente dela e que abria a boca com algumas inspirações fortes que suas mãos vinham fechar. Eu supus que se tratava de uma história inédita, um tipo de babado louco, uma vez que todos ficavam muito atentos e levemente inclinados para

o centro da mesa, cativados pelo discurso cadenciado sempre com a mesma expressão: *sahapi*.

Naquela época, o que eu ouvia em uma conversa era um mero fluxo descontínuo de frequências ritmadas, uma nuvem ilusória de vocalizes deformas, onomatopeias, gritos, cuspos, barulhos sem medidas que, portanto, não faziam sentido. Meus novos amigos poderiam estar falando de terrorismo islâmico ou de uma ótima receita de brownie que eu não teria notado grande diferença. Porém, cada vez que a Patrícia falava, cada vez que o som da voz dela subia para a luz do lustre, essa mesma voz acabava caindo para pousar em um doce *sahapi* que eu agora distinguia perfeitamente.

Pensei primeiro que estava alucinando. *Sahapi* devia ser o fruto da minha imaginação vitícola. Mas prestei mais atenção ao que a Patrícia, que não parava de falar, dizia. Fixei ela um bom momento, até que acontecesse de novo. Quando um novo *sahapi* saiu da boca dela, vi ele atravessar a mesa e chegar perto da Rafaela que concluiu sua intervenção retomando o mesmo *sahapi*, como se ela concordasse, dando eco ao *sahapi* com um outro *sahapi* ou o mesmo *sahapi* — de repente havia tantos que eu já não sabia mais de quem era qual, e a Rafaela repetiu a palavra, roubando-a, pegando-a e devolvendo-a para a Patrícia que, visivelmente triste, chacoalhava sua cabeça em cima do seu prato vazio, as mãos na cabeça.

Por um breve instante, fiquei perplexo. Entre duas garfadas, sussurrei um *sahapi*. B. virou para mim.

— Falou algo?

— *Nichts*¹ — respondi sem jeito.

Com carinho, B. passou sua mão nas minhas costas enquanto a cabeça dela virava de novo para Patrícia que monopolizava toda atenção.

Durante alguns minutos, então, fiquei indo e voltando entre a Rafaela e a Patrícia, em um vai-e-vem pingue-pongues-que cansativo e motivado pela tentativa desesperada de en-

1 “Nada” em alemão.

tender os movimentos do *sahapi*. Porém, minha impotência me deixou aflito. Eu sabia que eu possuía uma chave, mas eu não fazia ideia de qual porta abrir.

Tomei mais vinho e pensei comigo. *Sahapi*. Podia remeter ao nome de um dos amigos da mesa, mas ao alistá-los, percebi que eu lembrava de cada um deles, exceto o do Vinicius — contudo, eu tinha certeza de que ele não se chamava *Sahapi* — e conclui que minha nova palavra devia dizer respeito ao nome do protagonista da fabulosa história da Patrícia. Curioso, perguntei discretamente em alemão para a B. quem era o misterioso *Sahapi*. Ela não entendeu. Repeti para ela: *Wer ist Sahapi?*² Quem é Sahapi? Mas ela me disse, confusa, que ela não conhecia esse nome. Insisti e declarei que todos não paravam de falá-lo, que talvez fosse o nome de alguém. Diante de sua incompreensão, tentei acentuar a palavra de vários jeitos, *sáhapi*, *sahápi*, *sahapí*, troquei até o s por um z e o p por um b, mas B. me explicou que, fora do contexto, era bem difícil saber do que se tratava e que assim que eu ouvisse de novo eu devia imediatamente perguntar.

— Eu acho que essa palavra não existe — ela disse com carinho.

Por sorte, alguns segundos depois, ela mesma deixou escapar o tal de *sahapi*. Eu a interrompi, gaguejando. *Das ist es!* É isso! Repeti, desajeitado, fiz novas variações silábicas, e perguntei em inglês para todos quem era aquele *Sahapi* que eles se ficavam jogando entre eles como o último coco de uma ilha perdida.

Silêncio geral, consternação vergonhosa.

Por sorte, a Rafaela me salvou do exílio.

— Você não está falando de *sa-há-bi*? — gritou, iluminada.

E gargalhou muito alto, batendo palmas para o lustre.

Abri os olhos e apontei meu braço para a boca dela.

2 “Quem é Sahapi?”

— *Exactly! Who is it?*³

— *It means "you know"*⁴. Você sabe, ou sabe.

Levantei as sobrancelhas e encostei no fundo da minha cadeira para meditar a descoberta, enquanto os meus amigos sussurravam vários *sabe* para tentar entender. *Sahapi* não era uma pessoa, mas uma mera expressão. Nos dias depois daquela janta, comecei a reparar a expressão na boca de todo mundo em todos os lugares. Na fila do supermercado, nas mesas de bares, de restaurantes, de cafés, na rua, em casa quando B. falava no telefone. Logo em seguida, como por magia, captei a partir dela sua expressão irmã, o *sabia*. Quando as duas ficaram bem claras na minha mente, comecei a identificar os pronomes sujeitos. Apareceram então pessoas na língua: "você sabe", "ele sabe", "ela sabe". Naturalmente, outros verbos surgiram, outros sujeitos, outros complementos. E foi assim que entrei de vez no território da língua portuguesa, por um mero *sabe* recheado de pera e queijo francês, empurrando sem querer a porta pela qual todas as palavras fossem penetrar, enchendo de sílabas novas a minha ilha brasileira virgem, definindo o pilar com qual meu templo lusófono devia se erigir.

3 Exatamente, quem é?

4 Quer dizer "você sabe".

#diáriodeumgringo

1

Eis a questão

— Qual é seu nome?

Parei de pé na porta e olhei para ele, perplexo.

Ele repetiu.

Fiquei quieto e confuso, mas, em vez de responder, avancei para tomar um lugar. Na sala, os outros alunos olhavam para mim em silêncio, aguardando uma resposta. Levantei as sobrancelhas e abri um grande sorriso. O professor repetiu mais uma vez.

— Seu nome? — insistiu, articulando exageradamente.

Meu sorriso caiu. Será que eu tinha errado de sala?

Diante do meu silêncio, ele cedeu, visivelmente decepcionado:

— *What's your name?*⁵

— Oh, *sorry*⁶. Sylvain — respondi, bagunçando todas as minhas coisas. *My name is Sylvain*⁷. SIL-VÃ.

Mesmo anos depois, eu não poderia dizer o que Emerson, meu primeiro professor de português, me falou naquele dia depois disso. Lembro apenas que eu não entendia nada, apenas uma salada de sons, tanto mais fracos e rápidos, tanto mais fortes, acentuados, cantantes, aos quais todo mundo dava atenção — e sentido. E sei que depois da minha chegada desastrosa, abri meu caderno e escrevi na primeira página, com uma letra aplicada: "PORTUGAIS". E levantei a cabeça para avisar meu novo horizonte.

5 Qual é seu nome?

6 Desculpa.

7 Meu nome é Sylvain.

2

O amor em alemão, a metade do limão

A primeira vez que encontrei o Brasil foi em pleno inverno europeu na esquina de duas ruas do interior da ex-Alemanha Oriental, a *Hardenbergerstrasse* e a *Kochstrasse*, interseção mágica que ia me propulsar um ano e meio depois no sul da América Latina, apesar de eu, naquela época, me projetar para sempre além do rio Reno, vizinho de Merkel e herdeiro de Goethe. Eu tinha cerca de vinte-dois anos e estudava Ciência Política e Jornalismo na Universidade de Leipzig. Lembro das várias conversas na frente de uma máquina de café com *ela*.

— Sério, você achava que Ayrton Senna era italiano?

B. ficava revoltada que eu não soubesse nada do país dela e mesmo com as minhas justificações segundo as quais eu era muito pequeno quando o tal de piloto morreu — pois de fato aconteceu no circuito italiano — eu me deparava com o meu eurocentrismo. Porém, do outro lado, B. também não sabia muito da França. Tudo bem: estávamos em território neutro. Um dia, ela me beijou; um outro, falei que a amava. Logo, naturalmente, não havia mais como viver um sem o outro.

Obviamente eu já tinha ouvido falar do Brasil na escola, nas mídias, na boca dos amigos, mas confesso que eu nunca tinha focado na América Latina, nunca tinha parado muito tempo em um mapa do Hemisfério Sul. Portanto, a única lembrança que vinha diretamente à minha mente ao evocar São Paulo ou Rio era uma fotografia do meu manual de geografia do colégio, que mostrava uns arranha-céus exuberantes atrás de uma favela. Eu vagamente sabia que tinha um carnaval. Mal lembrava que se falava português. Mas vale ressaltar que na minha

adolescência não tinha Internet e que quem estudava alemão como primeira língua estrangeira aprendia bem pouco sobre o mundo latino. Claro que isso não diminui a culpa. Nem a vergonha. (Confessar aqui minha ignorância não é para o leitor me desprezar; pelo contrário, é para estabelecer um contrato sincero. Tenho certeza de que muitos europeus não sabem quase nada a respeito do Brasil. Como meu pai, que regularmente perguntava no telefone como estava meu espanhol.)

Em Leipzig, a primeira vez que B. me convidou para ir à casa dela, percebemos que morávamos a uma quadra um do outro. Seu apartamento era de dois quartos no segundo andar de um prédio antigo. Naquela noite, sentamo-nos na cozinha na qual Nasti, uma alemã alta e loira apaixonada pela América Latina e que dividia o apartamento com ela, tinha colocado na parede amarela um mapa gigante do Brasil. Enquanto B. preparava uma bebida típica brasileira, *you vai gostar*, fiquei observando essas linhas tropicais das quais eu descobria as curvas, deslumbrado com o tamanho do território, me perguntando quantas França caberiam ali dentro (quinze, conferi). Obviamente, com a chegada de outros amigos e o efeito da primeira caipirinha, nossas conversas foram para outras terras. Mas de vez em quando, eu surpreendia B. papeando em português com a Nasti ou a Fernanda, uma outra brasileira de Curitiba – cabelos pretos, lisos, cumpridos — no sarau de cachaça. Foi assim meu primeiro contato com essa língua que soava como uma melodia bonita, colorida por numerosas vogais e nasalidades. Lembro muito bem dos *ão* que ecoavam como expressões de dores suaves, e dos *r* que enroladamente cantarolavam e contrastavam com o seco — porém também doce — alemão do nosso dia a dia. No início, eu não dava muita importância à língua portuguesa, pois eu estava em Leipzig para praticar o alemão. Mas ao decorrer das semanas, minha curiosidade foi crescendo e B. tentou me ensinar o básico com aulas improvisadas.

Sair do alemão para uma outra língua estrangeira era para

mim uma grande aventura. E, embora o português seja para um francês bem mais transparente do que a língua de Goethe, eu ficava totalmente perdido. Mas o que mais me constrangia era que quando B. falava em português, ela parecia outra mulher. Da doçura alemã que eu conhecia, da alegria leve e contagiosa, ela passava a uma brasileira bem mais firme, menos doce, falando mais alto, com mais segurança, mais dureza, talvez não se controlando tanto quanto no alemão, visto que as palavras saiam da boca dela sem o filtro estrangeiro, sem a virgindade alemã, sem o doce velo da censura.

Nossas aulas improvisadas, chamadas *dez minutos em português*, geralmente aconteciam quando retornamos a pé das festas, no meio da madrugada, o sangue alegre e a mente quente. Obviamente, não deu muito certo. Naquele ano de Copa do mundo, em 2006, meu vocabulário se compunha de *ai ai ai, em cima, em baixo, puxe e vai!* ou *puta que o pariu* — muito útil para comentar os jogos de futebol — que gritávamos nas Fan-Zones do centro de Leipzig. Foram as minhas primeiras palavras das quais, a cada Copa, lembro com muito carinho.

E foi a partir deste momento que comecei a organizar as línguas na minha mente. O francês era a língua das raízes, da criação. O inglês do business. O alemão do amor. E o português que estava germinando, ainda não tinha um território definido. Para mim, apesar do dourado da sua pele, do vermelho do seu cabelo e da generosidade das suas gargalhadas, B. era alemã. O português dela era essa parte misteriosa à qual eu não tinha acesso, um lugar a ser decifrado.

Um dia, porém, ouvindo-a falar em português, eu me perguntei se eu a conhecia mesmo. Se eu a amava só pela metade. O amor em alemão, a metade do limão.

Ainda hoje me pergunto por que eu não fui mais cedo investigar a segunda metade. Talvez porque ela estava longe, lá, do outro lado, e só tinha como conhecê-la atravessando o oceano.

#diariodeumgringo 2

Maraconada

Em um churrasco. No final da tarde, na hora de ir embora, um amigo veio falar comigo.

— Você quer *uma carona*? — perguntou em português.

Eu ainda sabia muito pouco da língua e, não sei por quê, associei *carona* com a palavra *macarronada*. Portanto, respondi, com muita segurança:

— Não obrigado, não fome, não fome.

Meu amigo ficou surpreso, sorriu até, e com as pálpebras abertas e palavras muito articuladas, repetiu:

— Não, cara, você quer uma *carona*? Voltar *pra casa*?

— Casa? Não, obrigado. Eu comer em mi casa.

Então mimou o volante de um carro, ele dentro, eu dentro, *vrum-vrum*, e eu entendi que ele queria me deixar em casa.

— Ah sim, em casa, ok. Mas comer não.

3 Opa, oba, boba

Pisei pela primeira vez em terra brasileira em setembro de 2007.

Em Curitiba, B. morava em pequeno apartamento da rua Mariano Torres, no quarto andar. Para mim, acostumado com construções europeias baixas, esse tipo de arranha-céu era muito impressionante. Logo no início, B. me explicou que tinha avisado aos porteiros da minha presença, e que era de bom tom sempre cumprimentá-los.

O principal porteiro se chamava 'seu' Carlos, um senhor de uns quarenta anos, meio alto, com um capacete capilar feito um *Playmobil* colado na cabeça, óculos grandes, lentes largas. Toda equipe sabia que eu vinha da França, e seu Carlos brincava, por algum motivo misterioso, em me cumprimentar todo dia em um idioma diferente.

Cumprimentar em português sempre me lembra da palavra francesa *complimenter* que significa *elogiar*. Já desde o começo, entendi que, enquanto cumprimentar na França é um ato distante com dois, três ou quatro beijos fingidos na bochecha do seu interlocutor posto a um bom metro de distância – sem se atrever a encostar os ombros do outro com suas palmas –, o *bom dia* brasileiro remetia para um gringo a um tipo de ritual preliminar à junção carnal íntima.

Bonjour é geralmente a primeira palavra que se aprende em uma língua estrangeira. Aplicado, eu queria dominar *à la perfection*⁸ este instrumento para começar minha integração. B. me ensinara *oi, tudo bem* que era, segundo ela, a expressão mais usada para entrar em contato com alguém.

8 "à perfeição".

No primeiro dia então, enquanto descíamos no elevador, me enchi de coragem e fiquei repetindo mentalmente a frase para passar o que logo comecei a chamar de *prova do balcão*. As portas abriram; B. saiu, eu seguindo.

— Oi, tudo bem, seu Carlos? — ela disse.

— Tudo joia — ele respondeu.

Fiquei confuso. B. me explicou que *tudo joia* era uma mera variação, visto que *bem* e *joia* eram de sentido próximo.

Mais tarde no mesmo dia, enquanto voltamos para casa, me preparei para jogar para o seu Rocha, o segundo porteiro, um *tudo joia* atualizado.

— Tudo j...

— Beleza, Rocha — B. disse firmemente.

— Beleza, B. — ele respondeu.

Me senti um idiota.

— O que é *beleza*? — perguntei para B. em alemão.

— A mesma coisa que *oi, tudo bem* — explicou com muita naturalidade.

O dia seguinte, à tarde, armado das três expressões, saí com a B. para encontrar alguns amigos. De longe reconheci seu Carlos, mas B. nem me deu o tempo de falar que os dois já trocavam uns *boa tarde* que me deixaram ainda mais confuso. Eu tive a horrível sensação de que assim que eu estava prestes a atingir meu objetivo, ele se distanciava cada vez mais. Ulisses e a ilha de Ítaca. O coelho e a cenoura na vara do pescador.

— B. — implorei — você precisa me explicar uma coisa. Como se diz *bom dia*?

— Já falei para você: *bom dia*.

— Ninguém fala *bom dia*. Nunca ouvi aqui e ninguém diz a mesma coisa. O que é *boa tarde*?

— A mesma coisa, mas para depois do almoço.

Organizei as informações. *Tudo bem* era para os amigos e os porteiros, *beleza* para as mulheres, *boa tarde* para quem eu quisesse depois do almoço. Quanto a *tudo joia*, tinha que estar muito feliz para dizer.

No mesmo dia, a Cíntia, uma amiga da B., baixinha, rosto redondo, boca gigante e sorridente, nos convidou para jantar. Quando chegamos na casa dela, abriu a porta e declamou, assim que eu ia falar:

— Boa noite!

Eu não lembro o que eu gaguejei, se minha língua travou, se deixei sair em francês alguma coisa desagradável ou se eu misturei tudo-bem-joia-a-tarde-no-dia-da-beleza. Só sei que foi neste momento que me dei conta da divina diversidade brasileira, sua maravilhosa flexibilidade, sua insaciável criatividade, sua deliciosa ausência de dogmas.

E foi uma libertação.

Nos dias seguintes, decidi me apropriar desta característica que eu tinha extraído do tecido cultural brasileiro e testar com os porteiros do condomínio o máximo de fórmulas saborosas. Por tão incrível que pareça, eu tinha a impressão de que seu Carlos conhecia todas as variações imagináveis. Só para mim, ele até preparava fórmulas em árabe, japonês, inglês, alemão e, às vezes em francês, criando em mim uma confusão gigantesca. Foi aí que veio à minha mente uma teoria: a infinidade das fórmulas de saudação no Brasil devia ter surgido da função de porteiro. Seu Carlos e seus ancestrais ficavam tão entediados atrás de seu balcão que para matar o tempo e não ter que repetir duzentas vezes por dia a mesma fórmula, eles inventavam palavras, expressões ou sons o tempo todo.

E minha teoria se confirmava a cada dia. Pior: enquanto eu tinha certeza de ter esgotado todo o vocabulário, os porteiros me jogavam fórmulas do tipo *tudo ótimo*, um simples *bom* abafado ou pulando, um *bão* exageradamente aberto e longo, ou um mero e seco *oi* mal-humorado. Um dia, entendi que a criação de onomatopeias estava liberada. Hoje em dia, tenho certeza de ter feito, naquela época, combinações absurdas – *oba*, *opa*, *boba* – mas, no fundo, era por uma nobre causa: assim eu ajudava meus amigos porteiros a lutar contra a inércia.

Porém, preciso confessar que foi um grande alívio quan-

do descobri que a despedida brasileira era bem menos eclética. Um duplo *ciao* firme, expressivo e alto, basta para encerrar um encontro. No elevador do nosso prédio, eu me divertia quando a B. jogava essas curtas palavras para seus vizinhos com quem ela não tinha falado nada, mas que ela nunca esquecia de saudar: *ciao ciao!* De fato, não há em português nenhuma expressão formal equivalente ao *au revoir* francês. Talvez porque os brasileiros não gostem de se despedir. Ou talvez porque, uma vez que você entrou no Brasil, nunca mais vá querer ir embora.

#diáriodeumgringo

3

Siuvahini

Em um laboratório de análises clínicas.

— S-I-U-V-A-H-I-N-I!

Apresentei-me no balcão.

— Que nome diferente — disse a moça da recepção com o envelope na mão.

— Pois é.

— O senhor é o quê da paciente?

— Da paciente?

— É que o senhor não pode pegar o exame, só a paciente pode retirar.

— Como assim?

— É sua mulher, sua mãe?

— Moça, Sylvain sou eu.

4 Rótulos

Desde o início, B., mulher independente e proativa, insistiu para eu aprender português rápido. Era, segundo ela, imprescindível à minha integração. Ela queria que eu pudesse o quanto antes interagir com seus amigos, familiares e colegas, e me virar no dia a dia. Portanto, imaginou um sistema engenhoso.

No primeiro dia que acordei no apartamento dela, me encontrei sozinho na cama. Na sala do lado ecoava o barulho do chuveiro. Hesitei em levantar-me. No quarto, um fio de luz batia no lençol, aquecendo minhas pernas. Onde estava eu? Lá fora havia um mundo que eu desconhecía. Um mundo em língua estrangeira. Um mundo que para mim até então não existia. Saí da cama.

Havíamos chegado de ônibus bem tarde na noite anterior, e era a primeira vez que eu descobria a casa da B. à luz do dia. Era um apartamento de tamanho médio. Na sala, um sofá vermelho de dois lugares, uma estante cheia de livros. Peguei um que folhei rapidamente – *Budapeste* de um tal de Chico Buarque. Quem é? Deixei-o de volta e cheguei perto de uma torre cheia de CDs nos quais passei meus dedos para ver o gênero que a B. escutava – principalmente rock indie. Na sacada, uma grande mesa redonda, uma churrasqueira, flores vermelhas e um pé de hortelã lindo embalsamando a minha manhã.

Foi na cozinha, ao ligar a luz, que minha mão encontrou o primeiro papel que deixei cair no chão. Na hora, não prestei muita atenção, peguei-o de volta e comecei a procurar comida, pois com o fuso horário, eu estava morrendo de fome. Ao abrir a geladeira, percebi um outro post-it azul colado na porta branca. Estava escrito, com letras de forma: KÜHLSCHRANK/

GELADEIRA. Obviamente, entendi KÜHLSCHRANK, e decifrei GE-LA-DEI-RA, cuja sonoridade me agradou, pois me lembrou palavras francesas tais *gel*, *geler* ou *geler*. Abri a geladeira e achei o leite. Eu não sabia bem o que eu podia e queria comer, mas eu estava com uma fome que faz tudo gostoso. "GELADEIRA, que palavra", pensei de novo, falando sozinho.

Como estava tudo limpo, deduzi que B. ainda não tinha tomado café, e decidi preparar. Mas quando meus olhos subiram, depararam-se com a etiqueta SCHRANK/ARMÁRIO, móvel do qual tirei uma KOCHTOPF/PANELA para ferver o leite. Procurei de novo no SCHRANK/ARMÁRIO e encontrei KAFFEE/CAFÉ e FILTER/FILTROS. Abri a KAFFEEMASCHINE/CAFETEIRA que estava em cima da WANNE/PIA, coloquei um pouco de pó de café e parei um instante para pensar: B. etiquetou sua casa inteira em alemão/português? Aproveitei que o chuveiro não parava, e fui caçar outros papéis no apartamento.

Na sala, encontrei o SOFA/SOFÁ vermelho; na KOMMODE/COMODA, o HI-FI-ANLAGE/RADIO também estava identificado; na BÜCHERREGAL/ESTANTE, do lado do Chico Buarque, lia-se BÜCHER/LIVROS. Era inacreditável: no apartamento inteiro havia post-its dando nomes aos objetos e aos espaços: na BALKON/SACADA, atrás da TISCH/MESA, colhi o papelzinho da PFLANZE/PLANTA. No ZIMMER/QUARTO descobri o nome da BETT/CAMA. Lá, do lado da FENSTER/JANELA, a FERNSEHER/TELEVISÃO também existia em duas línguas. Me perguntei se eu ainda estava dormindo, mas era tudo bem real: B. havia traduzido tudo, *para mim*. De repente, me senti acolhido como nunca fui na minha vida e atravessado por um imenso sentimento de gratidão.

Em pé no ZIMMER/QUARTO, fiquei observando a cidade que borbulhava lá fora sob o sol do Hemisfério Sul. Atrás da FENSTER/JANELA, o SONNE/SOL já estava bem alto e não havia nenhuma WOLKE/NUVEM no HIMMEL/CÉU. Senti uma doce FREULICHKEIT/ALEGRIA subir no meu BLUT/SANGUE. Era tão WUNDERBAR/MARAVILHOSO, tão EINFACH/SIMPLES. Dentro

de MIR/MIM, a FRIED/PAZ. Mas de repente, o barulho do MILCH/LEITE transbordando e apagando o FEUER/FOGO me tirou do meu devaneio. Corri com desespero até a KÜCHE/COZINHA para desligar o GAS/GÁS. Pensei então esperar por SIE/ELA, mas a WASSER/ÁGUA ainda escorria no banheiro. Lentamente então, me aproximei da BÜCHERREGAL/ESTANTE, perto de um móvel retangular de profundidade fina no qual B. devia estudar. Fui atravessado por uma ideia. Quem é experto sabe que meu sobrenome (Bureau) significa em francês *escrivainha* ou *escritório*. No inglês seria *Mister Office*. No alemão, *Herr Büro* ou *Schreibtisch*. Mas como ficaria em português? Passei minhas mãos na madeira à procura de uns indícios. Vai que também tenha aqui, pensei. No pé de uma LAMPE/LUMINÁRIA, encontrei a palavra LICHT/LUZ. Lembrei dos textos sagrados. "E chamou à luz 'Dia'." Liguei.

Eu não sei por que, mas neste momento de delírio matutinal durante o qual eu tinha encontrado um mundo prestes a me cumprimentar, um mundo que se colocava ao meu dispor, que queria que o usasse, que eu o nomeasse, que me convidava para tomá-lo como existente, vivo, nascente, foi neste mundo novo — ou novo mundo —, no meio deste mar de post-its colados em todos os lugares, que eu me li pela primeira vez em português. Lá, atrás da BÜCHERREGAL/ESTANTE, preso entre a LICHT/LUZ e a TISCH/MESA, encontrei "Sylvain SCHREIBTISCH/ESCRIVANINHA".

Para ser bem sincero, não gostei muito desse meu novo sobrenome. Muito complexo, muito cumprido. Mas isso já anunciava tanto, mas tanto, sobre o mundo brasileiro.

Lá no BADEZIMMER/BANHEIRO, o DUSCHE/CHUVEIRO parou. Logo depois, ouvi um barulho de HANDTUCH/TOALHA, seguido de um barulho de TÜR/PORTA e depois de um instante, ELA/SIE estava de pé no meio da RAUM/SALA, uma HANDTUCH/TOALHA enrolada na KOPF/CABEÇA, uma outra no KÖRPER/CORPO. Descolei o papel da SCHREIBTISCH/ESCRIVANINHA e mostrei para ela. Chegou mais perto, me beijou, ainda

molhada, e disse, com sorriso cúmplice:

— GEFÄLLT'S DIR/VOCÊ GOSTOU?

Claro que eu tinha adorado.

Ao decorrer dos primeiros dias, aprendi assim um monte de palavras, e a B. me corrigia cada vez que eu falava errado (ou seja, sempre). E, aos poucos, me acostumei. Digeri o vocabulário e as etiquetas foram sumindo ao passar dos dias. Lembrei delas mais tarde, quando eu já falava um português um pouco melhor. Eu cursava aulas no centro de línguas da universidade. Certa noite, voltei para casa e disse para ela:

— B., me diga, o que eu sou para você?

Pensando bem, com a distância do tempo, deve ter sido uma pergunta bem dramática, mas era para mim apenas uma pergunta lexical.

— Como assim, o que você é para mim? — respondeu, surpresa.

— No amor, quero dizer.

— Ué, somos *namorados*.

— Mas vocês têm muitas palavras para isso, não entendo.

— Quais?

Como eu não sabia mais de cor, busquei meu caderno:

— *Ficante, noivo, pega, amigo colorido, namorado, namorado, marido...*

Ela riu alto e falou que eu veria isso mais tarde. Era para eu ficar como *namorado*.

Só anos depois entendi a torre brasileira do amor. Pois na França, o amor é simples, não tem hierarquia: quem beija, já fica. E quem fica, já está junto. Não há pirâmide. Nem montanha a escalar. O amor é um mar. Está dentro ou está fora. Basta pular e mergulhar.

Mas lá no início da minha aventura brasileira, a B. tinha colocado dentro da casa dela uma das chaves mais importantes para acessar a cultura brasileira: de fato, no Brasil, tudo é etiquetado, tudo tem rótulo.

O Brasil tem o CPF (não temos na França).

O Brasil tem um nome para cada mistura de raça.

O Brasil dá um nome para cada tipo de banana.

Comecei então a me perguntar de onde vinha essa organização tão sistemática.

E um belo dia, por acaso, me deparei com a bandeira do Brasil.

Não sei se tudo começou ali, nem se a B. se inspirou nela para seu truque fantástico. Mas no meio do retângulo verde, no centro do losango amarelo, entre as linhas da fita azul, há essa etiqueta fundamental que está na mente do povo brasileiro: "*Ordem e progresso.*"

Ou com outras palavras: ORDNUNG UND FORTSCHRITT.

#diáriodeumgringo

4

Senhora Kiksiker

Um almoço de domingo na casa de uns amigos da B. Cheguei na cozinha para ajudar. Uma moça estava lavando a louça.

— Oi! “Kiksiker”? — ela perguntou.

Olhei para ela e corrigi.

— Não, Sylvain, meu nome é Sylvain.

— Sim, já sei, mas “kiksiker”?

— Ah, você, “Kiksiker”? Eu, Sylvain. Prazer.

Olhou para mim para saber se eu estava de brincadeira.

— Não. Eu, Fernanda.

E articulou, bem devagar:

— Mas o-que-é-que-você-quer?

— Ah, perdão, entendi. Você, querer, ajuda?

5 Budapeste

Se eu quisesse arredondar um pouco a realidade, eu poderia dizer que aprendi português em Budapeste. Não é bem a verdade, mas também não é uma mentira. Essa história começa lá em um vilarejo francês, bem longe do Danúbio, quando eu tinha uns treze anos.

Naquela época, ainda aprendíamos latim na escola. Lembro que a primeira professora que eu tive era, apesar de muito jovem, uma pessoa terrível e bem tradicional que cuspiam as regras gramaticais uma após a outra, sem nem tomar o cuidado de saber se entendíamos ou não. De fato, ninguém entendia nada. Quando ela saiu para licença maternidade, foi um grande alívio.

Madame Lamy que chegou em seu lugar era bem mais velha. Já no primeiro dia, quando perguntou o que já havíamos feito, reclamamos que não tínhamos aprendido nada, só regras estúpidas. O latim se tornara muito obscuro para todos nós e, mesmo decorando as declinações clássicas do tipo *rosa, rosa, rosam* ou *dominus* ou *civis*, não fazia sentido nenhum aprender uma língua morta. A professora escutou nossas jeremiadas com muita paciência e quando terminamos, declarou:

— Queridos, não existe língua morta. Os mortos não falam. Claro que o que sobra do latim são os restos da língua, mas são restos vivos. Vocês não podem deixar de lembrar que bebês, crianças, adultos, idosos falaram essa língua todos os dias. Aliás, o latim foi falado na história da humanidade durante muito mais tempo do que a língua francesa até hoje.

Madame Lamy fizera uma ótima impressão. Sua doçura combinada à sua abertura de espírito nos deu a esperança de um aprendizado mais fácil. Porém, na semana seguinte – em

uma segunda-feira –, chegou muda e distribuiu para cada um de nós um texto de cinco linhas. Sentou-se na nossa frente e falou, bem séria, sua sentença romana:

— Vocês têm uma semana para decorar esse texto.

Ficamos todos surpresos. Não teria que traduzi-lo antes, saber do que se trata, se é legal, poético, histórico, sei lá o quê? Mas Madame Lamy não explicou, não traduziu, não falou nada a respeito, nem nos deu a referência. Naquela época, sem Internet, sem smartphone, sem Google Books para digitalizar o texto, compartilhá-lo, pedir para um tradutor nerd do Bangladesh nos ajudar, ficamos sem saída. Restava apenas uma solução: decorar essas indecifráveis linhas. De cabeça. Após o desespero coletivo no colégio, cheguei em casa e, no meu quarto, com o papel na mão, comecei a decifrar as palavras. Mais tarde, descobrimos que era a introdução de *A vida dos doze césares* do Suetônio:

Annum agens sextum decimum patrem amisit; sequentibusque consulibus flamen Dialis destinatus dimissa Cossutia, quæ familia equestri sed admodum diues prætectato desponsata fuerat, Corneliam Cinnae quater consulis filiam duxit uxorem, ex qua illi mox Iulia nata est; neque ut repudiaret compelli a dictatore Sulla ullo modo potuit...

Apesar de todas as aulas que tivéramos, não havia como entender nada. Portanto, decorar esse texto era como gravar em si uma série de sons que não faziam sentido nenhum. Como bons franceses, reclamamos mais uma vez com todos os professores do colégio. Na próxima aula de latim que acontecia na sexta-feira, Madame Lamy anunciou:

— Como recebi muitas reclamações de vocês sobre o texto a decorar, decidi mudar uma coisa.

Ficamos de repente aliviados.

— Agora vai valer nota.

Aí foi o pânico.

Tentamos conversar, discutir, negociar, mas Madame Lamy era tão doce quanto firme e entendemos que ela não abriria mão de nada. Vários colegas meus decidiram desistir e compensar com a próxima prova. Mas como em latim tudo era difícil, era uma estratégia péssima. Parei então de encontrar desculpas e encarei o texto. No meu quarto, após repetir a primeira frase por mais de dez vezes, eu já esquecera tudo. Era simplesmente impossível. Insisti mais e decidi me formatar. Fechei os olhos e pensei que eu era romano, que eu falava essa língua desde bebê. Que dava para falar isso de um jeito normal, cotidiano, rotineiro: "*Annum agens sextum decimum patrem amisit...*" Não sei quantas vezes repeti essas palavras, só lembro que, aos poucos, porque não foi de repente, o texto começou a soar diferente. De alguma maneira, por tanto repetir, comecei a entrar dentro da língua. Os sons que saíam da minha boca pareciam ter uma mágica da qual eu estava me aproximando a cada vez que falava, como se eles inexplicavelmente se encaixassem sozinhos, como se eu estivesse convocando meus ancestrais, como se eu estivesse viajando no buraco do tempo escutando o eco dos séculos, conversando com o povo romano mesmo, falando latim de verdade.

Confesso que não foi fácil não, e não sei dizer hoje se na segunda-feira consegui declamar tudo certinho, nem qual foi minha nota. Mas lembro que foi o início do meu aprendizado do latim. A partir daí, enxerguei todas as línguas de uma maneira muito diferente, colocando a gramática como último recurso para aprender um idioma. Porque sim, uma língua é primeiramente falada. Língua é fala. E falar latim deu todo sentido e vida a esse idioma milenar que me assustava por seu peso, sua sacralidade, sua história, enquanto era apenas uma língua.

Alguns anos depois, lembrei deste episódio quando, no ensino médio – eu devia ter uns dezesseis anos –, tivemos um encontro com um escritor franco-alemão que fugira da Alema-

nha antes da Segunda Guerra Mundial e escrevera vários livros em francês. Ele chegara na França na adolescência sem saber falar nada, com apenas um livro que se tornara muito útil para seu aprendizado da língua francesa. Era – ele explicou – o único objeto que possuía quando chegara em Marselha, pois perdera tudo antes de fugir: *Em Busca do tempo perdido* de Marcel Proust. Sem saber falar nada, ele tentou decifrar as primeiras páginas e, de tanto ler e reler todos os santos dias a mesma coisa sem entender nada, acabou decorando uma boa parte do texto: “*Longtemps je me suis levé de bonne heure...*”. Quem conhece Proust sabe que não se trata de um texto fácil. Mas a mágica da história é que esse texto muito literário se tornou um objeto indispensável e altamente útil para o dia a dia do exilado: na feira, no mercado, no café, ele apontava as palavras do texto que ele não sabia pronunciar corretamente, para se comunicar com as pessoas. Ele “usava” o livro. Depois vieram frases inteiras que ele jogava para os franceses. Enfim, trechos inteiros para conversar. E em pouco tempo, o livro se tornara sua referência, seu dicionário, seu *alter ego* francês, sua segunda boca. Sua porta de entrada. Até ele se tornar escritor.

Quando cheguei no Brasil, eu não falava nada de português, mas quando um amigo da B. me ofereceu um livro em português - o primeiro - lembrei na hora dessas duas histórias. Abri o livro com delicadeza, sem a mínima ideia do que se tratava, e comecei a decifrar, uma após a outra, as palavras de *Budapeste* do Chico Buarque:

Devia ser proibido debochar de quem se aventura em língua estrangeira. Certa manhã, ao deixar o metrô por engano numa estação azul igual à dela, com um nome semelhante à estação da casa dela, telefonei da rua e disse: aí estou chegando quase. Desconfiei na mesma hora que tinha falado besteira, porque a professora me pediu para

repetir a sentença. Aí estou chegando quase...⁹

Lembro que eu travava no *debochar*, porque me lembrava *débauche* que em francês significa *vagabundagem*, o que não fazia sentido nenhum. Aliás, eu também não entendia o que era proibido. Mas engraçado é que, para quem leu o livro inteiro, este texto já anunciava o que eu iria viver anos depois – ou seja, hoje –, como uma premonição terrível e inconsciente escondida entre as linhas. Do mesmo jeito que o Zsoze Kós-ta no romance do Buarque – sem, obviamente, me comparar a ele –, estou hoje escrevendo um texto em língua estrangeira. Então de duas coisas uma: ou o amigo da B. era visionário e o Chico um profeta, ou eu já era um pouco brasileiro. De qualquer forma, o leitor tem razão: eu não aprendi português em Budapeste. Aprendi em *Budapeste*, o que talvez seja, entre nós – e como diria Umberto Eco – “quase a mesma coisa”.

9 BUARQUE, Chico. *Budapeste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 5.

#diáriodeumgringo

5

Geografias

Uma conversa com meu pai por videochamada.

— Pai, a gente não vai para a França em julho este ano.

— Ah não?

— Ficou muito caro, e eu queria visitar outros países da América Latina. Pensei em ir para a Argentina.

— Legal, ali vai ser mais quente.

— Claro que não, pai, na Argentina é mais frio do que no Brasil.

— Verdade, já que é mais no Norte.

Nota mental para o Natal: comprar um mapa-múndi para o pai.

6

Crianças francesas não falam francês

— Pai, conta para mim de novo.

Meu filho adora escutar a história de como aprendeu francês.

— É que eu não sei, pai.

— Claro que você não sabe, *mon ange*.

— Eu já falava francês quando saí da barriga da mamãe?

— Você nem falava português.

— Eu não lembro de nada.

— Foi assim: desde a barriga, como você disse, eu sempre falei em francês contigo. Quando você nasceu e começou a falar, dava para ver que você entendia tudo, mas só respondia em português. Eu acho que você não queria falar francês, até porque como eu entendia português, você não tinha essa necessidade. Quando fez dois anos, fomos pela primeira vez à França passar Natal na casa dos seus avós. Lá, todo mundo falava francês contigo, vovô e vovó, tios, vizinhos, amigos, mas você ficava mudo, quieto, só observando. Quando precisava de alguma coisa, porém, você perguntava para mim em português. Lembro que fazia tempo que eu não ficava lá e eu queria aproveitar a viagem para visitar amigos em outras cidades. Seus avós ficaram muito felizes com a ideia de poder cuidar de você na casa deles. Uma manhã, te abracei forte e fui pegar meu trem.

“Três dias depois, quando voltei para a casa do meus pais, ouvi da porta uma voz fininha vindo da cozinha. Intrigado, avancei, sem barulho, e surpreendi você em uma conversa afiada com meu pai, tagarelado em um francês perfeito, sem sotaque. Surpreso, falei “oi”. Você me viu, baixou os olhos e pulou

no meu colo para esconder sua vergonha. Apertei você bem forte e, delicadamente, te perguntei em francês, no ouvido: “e aí, agora fala francês?”

“Minha mãe chegou bem nessa hora, toda impaciente, para me contar como tinha acontecido o milagre. ‘Foi logo no segundo dia – ela disse muito feliz. Eu estava dando banho de banheira para ele, falando, conversando, contando historinhas, comentando o dia, e ele me encarava com seu olhar inocente, seu rostinho de anjo, sem falar nada. Você tinha falado que ele entendia tudo, eu queria saber se era verdade, pois ele não respondia. Comecei então a articular bastante para ter qualquer tipo de resposta, até que, do nada, ele riu. Perguntei para ele o que tinha de engraçado, e ele respondeu, de repente, em um francês perfeito, com um grande sorriso: ‘Sabe, vovó, eu falo francês’.

“Sua avó me disse que na hora parou de te ensaboar e se levantou, espantada. ‘Seu sapeca – ela disse para você – você podia ter falado isso mais cedo! Faz um dia que estou tentando saber se está tudo certo contigo, se você está bem!’ E em menos de três dias, todo o vocabulário que você tinha acumulado durante seus primeiros meses de vida encontrou uma oportunidade para sair, porque você de repente *precisou* falar. Desde então, apesar de morarmos no Brasil, você sempre falou em francês comigo. A verdade é que você faz até questão hoje, e eu sei que você não gosta de conversar comigo em português, como se em português eu fosse outro.”

Quando terminei a história, meu filho me olhou, pensativo.

— O que foi, *mon ange*? — perguntei.

— É que eu estava pensando numa coisa — respondeu, baixando o olhar.

— Pode falar tudo para o pai, você sabe.

— Pai, você poderia me ensinar inglês como me ensinou francês, sabe, assim, *sem pensar*?

#diáriodeumgringo

6

Liquidificador

No café da manhã com meu filho, em uma mistura de português e francês.

— Pai, você faz um suco para mim?

— Só se você ajudar.

— Com liquidificador então!

— Pode ser. Mas saiba, filho, que a palavra certa é “li-qui-fi-ca-dor”.

Ele me olhou desconfiado.

— É que na escola a gente fala “liquidificador” mesmo.

— Talvez você tenha ouvido errado, acontece, mas o certo é “li-qui-fi-ca-dor”.

— Mas mesmo a mamãe fala “liquidificador”.

— Filho, tem algumas coisas que os adultos sabem melhor do que as crianças. Confie em mim, é “li-qui-fi-ca-dor”. Ninguém fala “liquidificador”, são muitos “i”.

Fechou a cara e ficou quieto.

— Vamos conferir juntos, então — declarei para resolver a situação.

Mas quando joguei a palavra no Google, percebi, estupefato, que meu filho tinha razão. Pedi então desculpas e decretei naquele dia que eu nunca mais iria corrigir o português dele.

7 A Revanche

Todo ano, meus pais mandavam pelos correios uma caixa de presentes de Natal. Chocolates, roupas, brinquedos, livros. Naquele ano, quando abri o pacote, me deparei com *La Jouissance*, ficção do escritor francês Florian Zeller, no qual lê-se na página 130:

— Está tudo bem entre vocês?

— Por quê?

— Não, estou só perguntando.

— Está ok.

— Porque percebi que a maioria das pessoas que têm um filho se separam no ano seguinte...

— Você fala isso para me animar?"¹⁰

Eu me separei da mãe do meu filho em um mês de março.

O verão curitibano já estava no declínio, bem como minhas esperanças de um casal feliz, mas a separação levantou uma questão insolúvel: ficar perto do meu filho e longe da minha terra natal, ou ir embora para França, deixando-o para trás? Concluí em mim que todo filho merece um pai, e optei por ficar. Mudei para uma casa muito engraçada, que quase não tinha teto, quase não tinha nada. Aluguei lá um quarto no qual exércitos de formigas disputavam o território, e as pulgas achavam que minha cama era um parque de diversão. E recomecei do zero.

Não posso negar: não foi fácil. Rolei, sofri, emagreci, amadureci. Afinal de contas, tudo isso era em boa parte culpa mi-

¹⁰ ZELLER, Florian. *La Jouissance*. Paris: Gallimard, 2012 [tradução livre].

nha. Naquela época, eu ainda não tinha toda essa distância para analisar a situação. Ainda culpava minha ex-mulher por minha infelicidade. O argumento era que, para ela, tudo era mais fácil do que para mim. Ela estava no país dela e podia me apagar de sua vida sem problema nenhum, ninguém jamais iria questionar sua presença no Brasil. Já eu sempre tinha que me justificar: por que veio? E ela sempre aparecia na minha história, na minha pele, no meu discurso. Tentei tirá-la da minha vida. Em vão. Brigamos inumeráveis vezes. O pior era a respeito da guarda do nosso filho. Decidíamos dividir tudo em relação a ele: tempo, responsabilidades e contas. Mas quando havia algum litígio, ela sempre tinha a última palavra. Literalmente. Sempre.

Porém, certo bendito dia, tive uma revelação íntima, um tipo de *insight*. De repente, eu encontrara um jeito de talvez reverter o jogo a meu favor. Decreei que essa situação não era justa mesmo, e que aliás, eu já estava fazendo bastante esforço para simplificar a vida de todo mundo, menos a minha. Sem aviso prévio, planejei minha revanche e aguardei o próximo encontro com ela como um soldado pronto para a batalha.

Aconteceu na frente da minha casa, alguns dias mais tarde, quando ela veio buscar meu filho. Começou a tagarelar sobre um fim de semana que ela teria que viajar e não podia cuidar dele, e queria trocar os fins de semana comigo. Só que eu tinha um compromisso naqueles dias, e eu não queria abrir mão.

— É uma viagem a trabalho — insistiu. Qual é seu compromisso? Também é de trabalho?

Discutir em língua estrangeira sempre fazia de mim um pobre perdedor. Foi aí que decidi executar meu plano, conforme planejado.

— *Non* — eu disse, firme.

Como sempre, ignorou minha resposta e continuou:

— Porque veja só, se você estiver livre no outro final de semana, você...

Interrompi-a e respondi, em francês:

— Quem organiza meus fins de semana sou eu.

Eu não soube se ela se calou imediatamente por causa da troca de idioma ou da mensagem em si, mas eu senti uma brecha aberta na qual eu podia me enfiar por inteiro.

Claro, ela tentou uma saída:

— Acho injusto — disse em português com toda sinceridade.

Mas eu estava tão seguro de mim por causa do uso do francês que, de repente, tudo saiu na minha boca como um gozo descontrolado:

— Injusto? Você está brincando? O que é injusto? Que de nós dois seja eu quem tenha que abrir mão do seu país, que de nós dois seja eu quem tenha que ralar para ficar perto de seu filho, que de nós dois seja eu quem esteja condenado a brincar de gringo eternamente, sozinho, num país que desconheço?

E prossegui assim, num francês bem rápido, com gírias, expressões regionais, sílabas invertidas¹¹, para provocar ela, para ela não entender, para ela sentir em sua pele o que era brigar de gringo, o que era brigar em território estrangeiro, brigar na casa do adversário. Diante de sua cara confusa e pálida, cuspi um monólogo comprido e complexo, cheio de brilho, dizendo que todo mundo merecia felicidade, que eu não tinha que viver esse dilema sozinho, que ela também tinha que pagar o preço do exílio. Quando terminei, B. recuou e me encarou, questionando o que eu estava falando, o que eu estava fazendo, e em seu olhar percebi que, de fato, ela não tinha entendido tudo.

Ciente que perdera terreno, ela então se arriscou em francês:

— *Ce n'est pas difficile que pour toi.*¹²

Só que o francês é meu território.

— *Ah non?* — perguntei, esperando por ela continuar a

11 O "verlan" é uma maneira familiar de expressar-se em francês, invertendo a posição das sílabas. O nome vem de "l'envers" que significa "inverso".

12 "Não é difícil só para você."

tentar se arriscar nas minhas ruas, nos meus *boulevards*, nas minhas avenidas.

Como eu imaginava, ela parou ali. Por medo de errar talvez. Porque errar gramaticalmente em uma briga de casal é como declarar sua derrota. Com um gesto desajeitado então, olhou para seu relógio e concluiu em português:

— Bom, estou com pressa, não posso ficar agora. Falamos sobre tudo isso outra hora.

E foi assim que venci minha primeira batalha, com a mais bela arma que existe no mundo: as palavras. De lá para cá então, cada vez que me senti à beira da derrota — e muitas vezes por falta minha de argumentos —, mudei a conversa para o modo francês. O resultado sempre foi surpreendente: uma vitória irreversível. Como se, de uma certa maneira, a minha língua cuidasse de mim, me protegesse, me alimentasse. Como se fosse a única casa que me sobrava. Dentro de mim.

#diáriodeumgringo

7

Balada

Quatro da manhã, saindo de uma balada.

— Desculpe, Sylvain, mas preciso falar para você: acho chato todo mundo querer te beijar quando a gente sai. E não é porque você é bonito – porque você não é especialmente bonito –, mas assim que você falar que é francês, já perdemos todas as chances.

Nunca soube o que pensar a respeito desse comentário, se era um elogio ou uma crítica.

Fica a seu critério.

8 A Aula de França

Neste dia, tremo um pouco; é sempre assim na primeira vez. Por sorte, na sala, todos parecem mais tensos do que eu. Talvez pressintam a regra tácita daqui: entre essas paredes, o estrangeiro, não sou eu, são eles. Na mesa central, arrumo minhas coisas. Ligo o projetor. No quadro aparece o primeiro slide de apresentação com a logo da escola. O silêncio ainda é o mestre; está na hora de quebrá-lo.

— *En français?*¹³

Os olhares deslizam nas mesas. Alguns sorrisos se desenharam nos rostos tensos, como para uma prova.

— *Je pense que c'est un peu tôt*¹⁴ — digo.

Ninguém entendeu; a piada foi só para mim. Prossigo em português.

— A Aliança Francesa é uma instituição governamental. Isso não é muito importante para nós. O que importa é que vocês estão em boas mãos.

De novo a piada foi para mim. Alguns se sentam melhor em suas cadeiras. Outros sorriem da minha arrogância. Continuo. Os franceses são geniais, a França é deliciosa e Carla Bruni é maravilhosa. Enfim vem um riso geral. Alguns escondem a vergonha com a mão. Podem rir de mim, desde que aprendam.

Falando mais sério, detalho os níveis, o método, o livro de exercícios, os eventos culturais, as plataformas digitais, pergunto sobre filmes, músicas, seriados, revistas, mostro até alguns sites de informação. Alguns anotam em seus cadernos o título da página do *Le Monde*; nesta hora, sempre me sinto um

¹³ “Em francês?”

¹⁴ “Acho que está um pouco cedo.”

pouco chinês. E enquanto discorro, percebo os olhares que se perdem na sala, como para avaliar o espaço.

Aqui estamos dentro de uma antiga fábrica de tecidos de Curitiba reabilitada há alguns anos como um centro de idiomas: chama-se A Fábrica. Apesar do charme, os tijolos vermelhos que sobraram da reforma carregam uma memória pesada, lembrando o suor das mulheres que teceram quilômetros de fios como tricota-se um pobre futuro.

Na sala, as mesas foram colocadas em forma de U. Como sempre, ninguém quer se apresentar primeiro. Levanto a folha de chamada como uma ameaça amigável. Tatiana, filha de japoneses migrados ao Brasil há mais de um século está sentada à minha direita. Ela levanta timidamente a mão quando pronuncio seu nome. Tem dezenove anos, é estudante de direito e não sabe muito bem por que quer aprender francês. Sua voz é mais fina do que os fios que assombam essa fábrica. Parece que até o silêncio presta atenção.

— Você não sabe por quê? — pergunto, surpreso.

Ninguém se atreve a rir.

— Acho a língua bonita.

— E o que acha bonito na língua?

Tatiana fica quieta um instante, e logo depois, parecendo ceder à verdade, coloca as palmas das mãos na mesa como para fazer uma confissão.

— A verdade é que minha mãe gosta muito do francês.

— Então te matriculou.

Um tímido *sim* da cabeça.

— Mas você *quer* aprender?

Seu silêncio não me aliviou. Uma aluna para conquistar.

Do outro lado da sala, na diagonal, Diego conta que estuda engenharia civil. É um moço baixo e musculoso de vinte e dois anos, cabeça raspada, rosto aberto, energia solar. Sua bermuda revela pernas imberbes. Não sei o que pensar dos chinêlos. Com uma voz segura, fala bem alto e mostra que quer brincar. Americano-brasileiro, tem pais que nasceram em Xan-

gai. Também acha o francês bonito.

— E o que acha bonito no francês?

— A Carla Bruni.

A sala explode em uma gargalhada geral. Encontrei o brincalhão da turma.

— Mas como assim, você *já fez francês* antes?

Diego estudou um semestre em uma outra escola e não gostou.

— Por causa do professor?

Sinais de mais ou menos.

— Era francês?

Sinal afirmativo da cabeça.

— Imagino, temos uma fama terrível — concluo com sorriso.

Ao lado dele, Célia, vinte e cinco anos, cabelo curto com sobras de antigas colorações das quais a última devia ser roxa, diz trabalhar na biblioteca pública e cursar Letras na Universidade Federal. É apaixonada por cinema e literatura franceses, motivo pelo qual quer aprender.

— Qual é seu filme preferido?

— Qualquer um da *Nouvelle Vague*. Mas também *Amélie Poulain*.

— Todo mundo conhece? — pergunto para a turma inteira.

— Mas esse filme tem quase vinte anos, não? — solta uma voz do outro lado da sala.

Revelação temporal, me sinto velho.

Nina põe seu telefone na mesa quando falo seu nome. A tela que mostrava as cores de uma rede social se apaga. Ela é uma moça bonita, cabelo comprido, unha preta, muita maquiagem e um chiclete rosa. Tem um cheiro de crise de adolescência, dose máxima. A apresentação dela é muito curta; visivelmente a preparou: ainda está no colégio, quer aprender francês porque também acha bonito e quer trabalhar com moda. Também fez muito ballet. Explica que, aliás, já conhece algumas

palavras tais “*plié* e essas coisas aí”. Eu queria saber um pouco mais, mas Nina já pegou seu telefone de volta.

Ao seu lado, Marcus levanta a mão em resposta ao seu nome:

— Pode falar.

Brinco na orelha, cabelos desarrumados, dezessete anos e meio, quer aprender o francês porque *já terminou o inglês* e ficou em dúvida entre alemão e francês. Conta que quando viu um texto em alemão, não hesitou um segundo.

— Como assim, “terminou o inglês”?

— É que fiz todos os módulos, aí vim para o francês.

Eu também queria *terminar* um dia o francês.

— Em quanto tempo o senhor acha que a gente vai falar?

— pergunta.

— *Falar*, você já fala — respondo em português.

Risada compartilhada.

— *Falar francês* — continuo — vai depender de você.

À sua direita, a Malu invadiu a mesa do Marcus. Seu corpo, além de ser cheinho, não combina com seu rosto fino. Malu compensa com uma maquiagem exagerada, mas não parece nada à vontade. Com algumas frases lacônicas, entendo que ela vem da periferia da cidade. Seu sotaque e alguns vícios de linguagem revelam uma diferencia social gritante. Lembro então que ela é a filha da zeladora e ganhou uma bolsa de estudos.

— E o que faz da vida, Malu?

— Agora? Faço francês! E de vez em quando faço as unhas.

Gosto da resposta e lhe desejo as boas-vindas.

Do mesmo lado da sala, Kellen quebra um pouco o ritmo. Batom *pink*, pele e cabelos perfeitamente aparados, sorriso Colgate e adolescentemente tensa. Deve ter uns quarenta anos. Antes de falar, inspira fundo e começa um longo monólogo.

Não sei o que os outros gravaram dessa fala, mas entre os comentários sobre a França-maravilhosa-incrível-fantásti-

ca sob todos os aspectos, notei que é web designer e que o francês seria sua primeira língua estrangeira, que ela está muito animada para começar, como antes de uma longa viagem, como se ela fosse viajar logo para Paris, mesmo sem data por enquanto, porque ainda fica complicado com seus três filhos que...

— Ouvindo você, eu quase queria me tornar francês.

Nova gargalhada da sala. Com a respiração curta, Kellen alterna entre arquejar e manter a pose.

— Mas sabe, a França não é tudo isso não. Também temos vários problemas.

— Não pode ser pior que aqui, neste *país de merda*.

Silêncio mortal. Kellen pede desculpas para seus colegas, mas reafirma sua sentença.

— É que a França é o *primeiro mundo* — comenta.

— O que é o "*primeiro mundo*"? — pergunto, ouvindo a expressão pela primeira vez.

— Aqui é o terceiro mundo, *todo fodido*. Lá é mais evoluído.

Descoberta do dia: sou do *primeiro mundo*.

Se continuar mexendo assim com seus dedos enrugados, Ângela vai quebrar seu lápis. É com certeza a decana da sala. Na sua vez, levanta em sua cadeira e arruma seus óculos antes de falar o que eu, em parte, pressentia: já aprendeu francês na escola quando era pequena, como a maioria das pessoas da geração dela e, de novo, como muitas pessoas da geração dela, quer voltar do zero. Diz que adora *la langue française*, sua musicalidade, Aznavour, Brel e Piaf, cantarola *La Bohème* e *La Vie en rose*. Ainda confunde bastante com italiano que aprendeu com seus pais quando chegou no Brasil de barco para fugir dos conflitos mundiais. Um resumo da história da colonização em dois minutos. Com todo meu respeito, eu a agradeço.

Valentina tem quatorze anos. Seu uniforme azul indica o colégio que frequenta.

— E por que quer fazer francês?

— É que...

Não consegue terminar a frase dela.

— Já foi para lá?

— Não... enfim, sim, já fui, mas não é isso...

— Então por quê?

— É que meus pais se conheceram na aula de francês.

— É sério?

Com um pouco de vergonha, confirma a informação.

— Que romântico! — comento. E você quer aprender?

Não sinto grande entusiasmo, mas Valentina já joga uns olhares para o Marcus do outro lado da sala. Já sei quais grupos formar para os próximos trabalhos orais.

Beatriz é a segunda aluna mais velha da turma. Tem 47 anos, rosto fino, cabelos lisos e grisalhos, magra, um fio de arame, pianista e psicanalista, não teve filhos. Sempre quis aprender francês, já aprendeu quando era pequena, como Ângela, mas não lembra de nada e também quer voltar do zero. Diz que lê em francês e entende até bastante, mas já tentou ler Lacan no original e desistiu. Aviso que muitos franceses também desistem. Ela explica que muitos artigos científicos da área da psicanálise estão em francês, e que quando vai a congressos em Paris, sente falta em não poder se comunicar. Sua aparência seca mostra uma exigência alta; na frente dela já tem um caderno virgem aberto na primeira página. Tento então acelerar o processo.

Laura é uma mulher de uns trinta e cinco anos, com Chanel curto e loiro, uma camiseta preta que exibe a mensagem "*Je suis Paris*" com diamantinas de plástico. Depois de algumas palavras, entendo que Laura é francesa. Pelo menos, é o que seus amigos dizem dela. Ela até acha que em outra vida foi francesa. É por isso que em sua casa, tudo lembra a França: confessa possuir quatorze torres Eiffel, várias reproduções de telas famosas de pintores franceses e gosta muito de gatos. É vendedora em uma loja do centro da cidade. Mas Laura não sabe que encontrei muitas pessoas como ela. Porém, jamais

me atreverei a julgar: afinal de contas, eu por muito tempo me achei alemão, e foi muito bom. Esse imaginário sempre diz algo de nós, uma verdade que está para brotar. Talvez seja isso que veio buscar aqui: vamos jardinar juntos.

Ao lado dela, Rodrigo tem tudo do jovem intelectual. Barba generosa, óculos pesados, fala arrítmica. Já estou me perguntando como agradar todos esses perfis com a mesma aula. Rodrigo se apresenta: estuda História na Universidade Federal, gosta de misturar com a Filosofia, tentou ler Foucault e Derrida no original, mas confessa que foi muito difícil. O objetivo dele é poder entender Deleuze em francês. Ele não tem muito interesse em *falar* a língua. Só entender. Aviso ele que todas as competências são importantes.

Gabriel está na mesa da frente. Aqui em Curitiba, em quase cada turma há um funcionário da Renault que instalou sua sede da América latina no final dos anos 90.

— Então você fala francês todos os dias com seus colegas, não é?

Gabriel explica que é bem o contrário: ele não conversa nada, e isso é o problema. As reuniões geralmente acontecem em inglês, mas muitas vezes os chefes trocam sem aviso para o francês e, neste caso, entenda quem puder. Além do que, para crescer na empresa, é imprescindível falar a língua. É uma questão de estratégia profissional.

— E como são os seus colegas franceses? Simpáticos?

A careta que Gabriel faz deixa a entender que não se dá muito bem com eles. Ainda não entendo por que temos essa fama de antipáticos e rabugentos. Imagino meus compatriotas como colonos sem vergonha. Vamos precisar reconciliar a França com ele, antes de lhe ensinar os rudimentos da língua.

As apresentações quase acabaram. Sobraram Heitor e Sofia. Contam-nos que não querem ir para a França. Aliás, pedem desculpas porque não sabem nada do meu país. Alguns meses atrás, Heitor descobriu um programa de imigração para o Québec. Procura-se enfermeiros e engenheiros. Como ana-

lista de sistemas, ele já entrou com o processo, mas demora bastante. Os dois são jovens, nada os prende no Brasil, exceto sua família e amigos.

— Vocês sabem que o francês do Québec é um pouco diferente do francês da França?

Explico que é quase a mesma diferença entre o português do Brasil e o de Portugal. Tento ridiculamente imitar o sotaque de um quebequense, lembrando a todos que o país é maravilhoso, com uma qualidade de vida e uma vida cultural surpreendentes. O casal explica que precisa de um certificado de cento e vinte horas de francês. Temos pouco tempo.

Eis aí meus quatorze soldados. Quatorze rostos, quatorze histórias, quatorze desejos, quatorze vozes. Deixo a folha de presença na mesa central e dou uma olhada no relógio: já está na hora do intervalo. Me dirijo para a porta pensando que adoro esse trabalho. Faz me sentir em casa. Aliás, nunca me senti tão francês quanto no Brasil. É até engraçado de pensar que passei minha adolescência cuspiendo sobre meu próprio país e que fiz as pazes com ele depois de ensiná-lo aos outros. Ficar bem com suas origens não tem preço.

Ao lado da porta pela qual estou preste a sair, a Kellen me chama:

— Professor, desculpa a curiosidade, mas eu queria te perguntar só uma coisa: o que te levou para um país do terceiro mundo?

#diáriodeumgringo

8

Banco

Resolvendo um problema no banco.

— Você é francês?

Falou muito alto, quase gritou, com olhos grande-abertos, como se eu fosse uma poupança premiada.

— Você é francês mesmo? Sério? Mas o que está fazendo aqui? Aqui é tudo uma bosta! Sério que você é francês? Mas você quase não tem sotaque, eu queria ser francês, nossa, desculpa me empolgar assim, é que eu queria estar lá, deve ser muito bom, né, primeiro mundo, tudo, e você está aqui, acho tão estranho, o mundo está de cabeça para baixo nos últimos tempos, mas ok, tudo bem, posso perguntar, enfim, perdão se for indiscreto, mas, por que veio? Já que para vir ao Brasil deve ter uma razão bem boa, nesta merda toda...

— Por amor — respondi sorrindo, calmo.

De repente se calou e ficou mais sério, com o ar grave.

— Ah sim, entendo. Aí tudo bem, respondeu inclinando a cabeça para mostrar que de fato, era um motivo indiscutível.

Foi aí que entendi que além de Deus, o amor também é brasileiro.

— Como posso te ajudar?

9 Vou de táxi

Entrei no carro preto como se fosse de um conhecido, sem prestar muita atenção. Bati a porta de trás, procurei o cinto e abri a boca, sem emoção nenhuma.

— Alto da Rua XV, por favor.

Logo em seguida, encostei no fundo do banco e fiquei quieto, observando as ruas iluminadas que desfilavam atrás do vidro como vinhetas cor sépia. A noite tinha sido boa, mas algo me deixava triste. Fazia alguns dias, aliás, que eu me sentia assim. Pensei que talvez viesse da separação, como um eco tardio, um *contre-coup* atrasado, mas no fundo, eu sabia que era outra coisa. Uma dúvida me assombrava como a lâmina ameaçadora da guilhotina, e essa dúvida era sobre o caminho. O caminho da minha vida. *Será que eu não deveria voltar para a França? Será que estou no caminho certo?*

No meio dessas ruas estrangeiras, eu me revia anos atrás no meu vilarejo francês chamado Saint Jean de la Ruelle – e cuja tradução em português seria São João do Beco. Lá eu fizera amigos queridos e fiéis, crescera com amados irmãos, aprendera a enxergar o mundo com professores brilhantes. Eu me lembrava até muito bem do dia que eu deixara a casa dos meus pais para ir estudar em Lyon. Naquela época, era tudo com o que eu mais sonhava. Eu lutara tanto para sair daquele casulo familiar, com tanta força que acabara me propulsando a dez mil quilômetros de lá, para o Brasil. Sem volta. E agora?

— Noite bonita, não é?

Meu interlocutor se chamava José, como indicava a carteirainha que ficava balançando embaixo do retrovisor. E José queria conversar. Fiquei quieto, preferindo prestar atenção na

corrida das imagens noturnas que ilustravam minha tristeza íntima.

— Voltando do trabalho?

José não queria me deixar tranquilo. E mesmo querendo muito mergulhar em minha nostalgia, eu devia a José pelo menos uma resposta.

— Não — respondi.

Juro que eu queria ser mais expansivo, mas não tinha como.

— Trabalha com quê? — perguntou.

— Sou professor.

— Que bacana! Professor do quê?

— De francês.

Já era demais; José estava sendo muito invasivo.

— Que legal! Aprendeu onde?

A paisagem atrás do vidro me lembrou que estávamos no Brasil. Onde eu trabalhava. Onde eu sobrevivia. Onde eu tentava me realizar. Como assim, onde eu aprendi francês? Não está na cara? Não dá para ver? Ouvir? De repente, minha cabeça funcionou a mil. José não tinha percebido que sua pergunta abria uma brecha em mim.

A língua é o instrumento da liberdade. Quem não a domina fica preso ao domínio dos outros, à sua própria ignorância. Porém, aprender um novo idioma é aceitar a experiência dessa aflição e talvez seja o motivo de muitas pessoas desistirem de um curso de língua estrangeira, por justamente não aguentar essa posição de inferioridade em que o novo território os põe. É preciso aceitar por um certo tempo ser um bebê, talvez um idiota, talvez com deficiência. Tudo bem. Quem nunca viveu isso na vida?

— Aprendi aqui — respondi, me atrevendo.

— No Brasil mesmo? — falou, visivelmente feliz que eu participe da conversa.

Hoje tenho certeza de que falar bem é viver livre. O problema de ser estrangeiro, além de ser visto como uma criança,

é que, em muitas circunstâncias, seu país de origem se torna sua identidade. Nos primeiros meses que passei no Brasil, todo mundo apenas me falava da França. Eu era a França. Eu, a França. Alguns amigos me chamavam até de “França!”. Para me libertar, a única estratégia foi de me tornar quase um brasileiro.

— Francês é difícil, mas acho lindo — comentou. Já foi para lá?

— Nunca — respondi, agora com medo de ser desmascarado —, é muito longe.

A partir desse momento, a situação começou a ficar tensa. Obviamente eu tinha – e ainda tenho – um sotaque em português. Não sei então se foi por causa do barulho do motor ou do volume do rádio, ou se simplesmente José achava que eu viesse de um outro estado brasileiro — já me falaram várias vezes. Contudo, foi a primeira vez da minha vida que consegui me tornar brasileiro aos ouvidos de alguém. E preciso dizer: com muito orgulho e muito amor.

Por sorte, eu morava perto. O portão da minha casa já estava à vista.

— Foi um prazer, querido. Qual é seu nome?

Engasguei-me, pois meu taxista me pegara de surpresa. E para não me entregar, eu não tive outro jeito que inventar na hora um nome que fosse um pouco brasileiro, uma mistura de mim com o país, um *eu* pintado de Brasil.

— Então, boa noite, Sílvio.

E foi naquela noite que Sílvio nasceu.

Alguns dias depois, troquei meu apelido nas redes sociais. Meus amigos acharam horrível; eu achava fantástico. Aos poucos, Sylvain se tornou Sílvio. Assim, ninguém me perguntava de onde eu era, ninguém queria saber por que eu estava aqui, porque eu não voltava para a França. Sílvio foi a máscara da minha liberdade. Sílvio sou eu de brasileiro. Alguns fariam que Sílvio sou eu de carnaval. Tudo bem. A vida não é mesmo um teatro?

#diáriodeumgringo

9

Bonjour

Em uma livraria no centro de Orléans, na França. A fila para o caixa estava enorme. Com meus livros na mão, mergulhei em mil pensamentos. Fazia uma semana que tinha chegado na França e eu ainda estava em “modo português”.

Foi a minha vez. Avancei até o caixa e deposei os três livros no balcão. Procurei durante um instante a minha carteira achando que tinha esquecido ela em casa e não tinha percebido que, na minha frente, a mulher do caixa me encarava, imóvel, impassível, apática, feito uma estátua. Logo encontrei minha carteira no bolso da minha jaqueta e, aliviado, me dei conta que a moça estava me olhando com ar severo. Encarei ela também, inclinei até a cabeça, levantei o queixo, pus meu corpo inteiro como um gigantesco ponto de interrogação.

De repente, ela abriu a boca, firme:

— *Bonjour*, né?!

Recuei de um passo e pedi mil desculpas.

— Ah sim, desculpa, como que eu podia ter esquecid... enfim... *bonjour*, *bonjour*...

E depois disso, naturalmente, começou a me atender.

Moral da história: se quiser ser (bem) atendido na França, nunca esqueça o *bonjour*. É a fórmula mágica para dar vida aos franceses-estátuas.

10

Em busca à palavra perdida

Aconteceu de repente em uma manhã de novembro. *Ela* estava na ponta da minha língua. Eu tinha até sonhado a respeito, mas meu sonho se desfazia à medida que eu preparava o café na cozinha, me esforçando em reconstituir os episódios. Era uma palavra, comum até isso eu sabia. Mas eu a esquecera, o que me gerava uma angústia, como se esse sumiço fosse um efeito do tempo, da velhice por vir, da decomposição precoce do meu corpo e da minha memória.

Meu maior problema era que eu não podia determinar se a palavra esquecida era portuguesa ou francesa. Será que eu estava esquecendo o francês? Será que é possível esquecer sua língua materna? Ao decorrer dos anos, eu encontrara vários compatriotas que acabaram falando um francês aportuguesado, cada vez mais distante do francês da França. Pois alimentamos todos os dias, sem perceber, a nossa língua. Ela é viva, se mexe, se distorce, evolui, se recria o tempo todo, lá e aqui. Ou seja: quem não se mantiver vinculado ao seu país acaba criando um dialeto singelo. Como os alemães do Sul do Brasil que hoje falam uma língua bem diferente do idioma da Merkel.

Naquela época do esquecimento, fora os alunos, fora meu filho, eu não tinha no meu dia a dia com quem conversar naturalmente em francês. Eu sempre era a fonte de francês para os outros, mas eu não bebia o francês de ninguém. E de uma certa maneira, eu sentia que, aos poucos, meu reservatório se esvaziava, o que anunciava pela primeira vez da minha vida uma seca lexical cujo primeiro sintoma consistia neste terrível esquecimento. E como eu só podia viver de lembranças da França, se a memória me falhasse, eu estava perdido.

Na França, cresci na periferia de Orléans em uma cidade que, segundo a Wikipédia, tem pouco mais de dezesseis mil habitantes. É um tipo de vilarejo muito tranquilo, mas com vários bairros pobres nos quais se encontram habitações populares, tráfico de drogas, prostituição, violência, bem longe dos clichês franceses vendidos lá fora. Porém, essa é a minha França íntima, aquela que eu sempre conheci, aquela que dois jornalistas da famosa revista cultural *Télérama* chamaram, em 2010, de “França feia”¹⁵. A minha França, desculpe-me, sempre foi feia.

Foi no Brasil que descobri a existência da outra que, aliás, fazia brilhar, por sua simples evocação, os olhos dos meus interlocutores. Chamo-a de “França Edith Piaf”. É uma versão glamorosa da França que se vende muito bem nas perfumarias, nos aeroportos, nas revistarias, nos cinemas. Uma França turística, americanizada, romantizada. De tomar champanhe na frente da torre e comer *escargots* em um barco passeando no rio Sena iluminado. Perdão de novo, prezado leitor estrangeiro, mas a França que conheci era cinza, violenta, racista, pobre, caipira, conservadora. E entre essa França da minha vida e a França de cinema, há um interstício bem grande, um “buracão” gigantesco. Acho que foi neste buraco que minha palavra se perdeu naquela manhã de novembro.

Quando minha chaleira começou a tremer na minha cozinha, seu apito me lembrou que era uma palavra em *S. Souffle? Serpent?* Eu não sabia mesmo. Vai vir; calma.

Quando comecei a dar aulas, dei um mergulho intenso na França glamorosa. De fato, tem um charme irresistível. Nas paredes da minha sala tinha cartazes da lavanda da Provence, quadros dos castelos do Vale de Loire, fotografias de uma escola tradicional francesa do início do século 20, pinturas de um café parisiense, sem falar das telas impressionistas e das paisagens maravilhosa. Na escola, a maioria dos meus colegas de trabalho aprendera francês naquela época da França toda poderosa, nas

15 « Comment la France est devenue moche », por Xavier de Jarcy e Vincent Rémy, in *Télérama*, em 12 de fevereiro de 2010.

décadas de 60-70, quando o francês ainda dominava o inglês, quando era a língua estrangeira que a elite mundial falava e que, portanto, todo mundo devia aprender desde pequeno. Essa é a França-Woody Allen, a França branca, a França-Mona Lisa, a França vinhos-e-queijos, a França da gaiola Eiffel. E parece que essa imagem resiste com muita força ao tempo.

Até que me fez aos poucos esquecer de onde eu vinha. O bonito se substitui tão facilmente ao feio. Comecei a confundir as duas faces da moeda. O deslize operou devagar, mas dia após dia, ao falar da França dourada o tempo todo, eu a senti mais próxima de mim, me perdendo nas minhas próprias ruas memoriais. Passei a acreditar na existência dessa França toda linda, apesar de falar dela com uma boa pitada de ironia. E aos poucos me tornei mais francês do que eu jamais fora, *por brincadeira*, sem perceber que eu estava vendendo a mim mesmo o meu próprio país. Quando eu entrei nessa escola, eu não gostava de Orléans e falava que eu era de Lyon, onde eu estudei. Alguns meses depois, eu já falava que vinha de Orléans, e hoje em dia conto até que venho de Saint Jean de la Ruelle.

Ao decorrer dos semestres, os alunos que já tinham feito vários módulos acabavam indo para a França. Eu acompanhava suas viagens nas redes sociais, curtia as fotos, presenciava os encontros que eles organizavam na volta e ficava muito feliz por eles. Alguns ficaram lá e nunca voltaram. Casaram-se com franceses ou conseguiram uma proposta de trabalho. E o tempo passou. O tempo voou. Eu fiquei, lá, em pé, no interstício dessas duas França, uma fantasiada e outra cinza.

Agora lembrei do meu sonho.

Aconteceu na casa dos meus pais. Estavam todos sentados ao redor da grande mesa da sala de jantar: meus irmãos, primos, tios, tias, avós e avós, meu pai, minha mãe, até minha bisavó falecida. Essa França não estava tão feia não. Tinha até meu filho, e estávamos todos muito felizes. A mesa brilhava de pratos gordos e sofisticados. Lembro que brindamos com champanhe. Olhei então para cada um deles, um por um, como

retratos fotográficos.

Com a lembrança, um calafrio me atravessou.

Foi aí que, naquele sonho, falei para cada um da minha família essa palavra que era minha, aquela perdida na rachadura dessas duas França e que precisara do Brasil, esse país maravilhoso que me dera a oportunidade de enxergar meus territórios íntimos com um novo olhar para poder encontrá-la novamente. Os brasileiros o sabem muito bem: a saudade não existe em francês. Será que isso quer dizer que, nós, franceses, não sentimos saudade? Mario Quintana escrevia que “a saudade que dói mais fundo e irremediavelmente é a saudade que temos de nós”. Não sei muito bem o que isso quer dizer. Só sei que naquele dia, coloquei a xícara de chá vazia na pia e entendi que após todo esse tempo, talvez tenha sido o momento de me reconectar com as minhas raízes, pois no interstício das duas França não tinha mais nada, apenas um eu que queria um forte abraço de sua família.

#diáriodeumgringo
 10
 Bolachinha

Em uma padaria de Curitiba. O garçom trouxe uma xícara de café para mim e um suco para meu filho. Em francês:

— Pai, posso pegar a bolacha do seu café?

— Claro, pegue aí.

Três segundos depois, de boca ainda cheia, implorou:

— Pai, você poderia pedir mais uma para mim?

— Quando o garçom chegar perto, peço sim.

Alguns instantes depois, levantei a mão:

— Amigo, você teria mais uma *borracha* por favor?

O moço me olhou com ar confuso.

— Desculpa, não entendi — respondeu, se aproximando.

— É que meu filho queria só mais uma *borracha*, se for possível...

— Uma *borracha*?

Meu olhar voltou para a mesa. Na minha frente, meu filho estava escondendo a cara para não rir.

— Por que está rindo, filho?

E timidamente, ele respondeu em português para mim:

— Pai, não é uma *borracha*, é uma *bolacha*.

Epifania do garçom, lição eterna para mim.

11

Ataque de onça

Aconteceu em uma sexta-feira de sol no frio mês de julho em torno das três da tarde. Eu acabara de voltar da França, vestia roupas novas, uma camisa xadrez azul e branca bem bonita, e andava pelas ruas do centro de Curitiba, despreocupado, com o ar de gringo visível a quilômetros. Quando um passante me apostrofou naquela grande avenida chamada Mariano Torres, não desconfiei nenhum instante.

— Ó amigo, tua mochila tá aberta.

A voz veio de trás. Cometi o erro básico de parar e acreditar no que ele dissera. Tarde demais: assim que virei a cabeça para conferir, o cara já estava posto ao meu lado. Levei primeiro um susto. Era um homem mais baixo do que eu, com apenas dois ou três dentes na boca, de chinelos, os pés sujos, com uma bermuda verde e uma camiseta rosa. Na hora, fui atravessado por um pressentimento ruim. Eu estava certo.

— Olha aí — ele disse, levantando discretamente sua camiseta para me mostrar uma arma do tamanho de uma metralhadora.

— Anda comigo aí, anda!

Desesperado, obedeci e comecei a andar, tremendo, sem saber por onde fugir.

— É o seguinte, irmão, preciso de uma *oncinha*. Não pare não, fica andando. Me dá uma ajudinha aí.

Percebi na hora que ele estava nervoso, e lembrei que no Brasil, não há muita regra com assalto: se o cara quiser, te mata no meio da rua.

Por sorte, eu já falava um pouco de português, mas eu não fazia ideia do que era uma *oncinha*. Obviamente, como

neste tipo de caso é delicado falar que não entendeu a palavra, fiquei andando, quieto, tenso como um tronco antes de uma tempestade. Ao redor, as pessoas passavam perto de mim sem saber o que estava acontecendo.

O cara repetiu.

— Veja aí se não tem uma *oncinha* para mim.

Por sorte, meu assaltante era bacana: me ajudou, esfregando o polegar com os outros dedos, o que dava para entender que queria dinheiro.

— É para minha mulher.

Tirei então a carteira do meu bolso, mas infelizmente, eu não tinha nada, só o cartão. Pensei na hora que eu fosse morrer por falta de troco. Eu queria gritar para meu assaltante, “sou gringo”, como se isso pudesse de uma certa forma me salvar, mas provavelmente ele nem sabia o que era a França, como essa moça de uma loja que um dia falou de Paris como de um país perto de Moscou. No meio da rua, até pensei que confessar que eu era estrangeiro pudesse piorar a situação, deixando entender que eu fosse rico. Talvez fosse melhor então não abrir a boca.

— Tenho um filho — falei, com a voz vacilando.

Foi tudo o que consegui articular.

— Tenho cinco — respondeu, ignorando minha jeremiada. O que tem na mochila?

Foi nessa hora que uma mulher com tão poucos dentes quanto seu companheiro, suja, descalça, agressiva, surgiu. Infelizmente, não entendi nada do que ela falou.

— O que tem na mochila, porra? — ele disse, repetindo o que ela acabara de falar.

Dessa vez entendi.

— Abre aí.

Eu tinha um telefone fixo sem fio de um valor de cem reais que eu tinha comprada em uma loja perto.

— O que tem na caixa?

— Um telefone fixo.

— O que é isso.

— É um telefone. Tá aí dentro da caixa.

— Dá o telefone.

Dei a caixa.

— Não.

Ele não quis mais. Pensei na arma. Fiquei confuso.

— Dá o celular.

Tirei do meu bolso um Nokia 3310. Naquela época – embora não muito antiga – eu não tinha smartphone. Meu assaltante olhou o aparelho como se eu estivesse de brincadeira.

— Preciso fazer uma chamada para um amigo de São Paulo, você empresta?

Chegamos a uma esquina movimentada. Despreocupado, o cara recuou a uns dois metros para fazer sua ligação e me deixou sozinho com a mulher.

— Dá a mochila — ela disse para mim.

Dei a mochila. Um senhor que testemunhou a cena toda, se aproximou de mim e falou, indignado:

— Você vai dar sua mochila para ela?

Ao meu lado, a mulher estava fuçando algum tesouro entre as minhas coisas. Consegui apenas cochichar para o homem, quase chorando:

— É que eles têm uma arma...

Aí o senhor me encarou com o maior desprezo, bufou — eu lembro do som exato do *pffiu* — e foi embora, me deixando sozinho com a sorte.

Meu assaltante encerrou sua ligação e voltou para mim. A mulher ficou com o telefone fixo, sem abrir a caixa, e me devolveu a mochila. O cara me devolveu meu celular, e como se fôssemos amigos, ainda apertou minha mão, me desejando um “bom dia” antes de ir embora. Saí na direção oposta, apesar de não ser meu caminho, e voltei a pé para a casa, tremendo.

Foi só depois, contando a cena para os meus amigos, que descobri que *oncinha* era o animal da cédula de cinquenta reais. Por pura precaução, decidi pesquisar todos os sinônimos

de “dinheiro” da língua portuguesa; era para mim uma questão de vida ou morte. E descobri uma lista enorme: *arame, barão, bufunfa, bens, bago, bolada, boró, capital, cascalho, conto...* Como eu quero viver ainda por um tempo, eu não tive outro jeito senão decorar esse vocabulário todo para ficar avisado. E agora posso dizer, sem mentir, que sempre ando com um mico-leão-dourado no bolso que, espero eu, afastará todos os eventuais ataques de onça.

#diáriodeumgringo

11

Intimidades

No caixa do supermercado. De férias na França, eu acabara de chegar do Brasil e para mim, tudo ainda soava estranho, como se, na minha cabeça, eu precisasse traduzir o português para a língua francesa.

— *Bonjour* — disse a mulher do caixa.

— *Bonjour* — respondi.

Até lá, a cena era bem banal. Mas eu não sei o porquê — na verdade, sim, porque eu ainda me achava no Brasil onde é muito normal falar *tudo bem* no caixa do supermercado, apesar de você não conhecer a pessoa que está te atendendo —, adicionei instintivamente essa pequena frase da qual me arrependi na hora:

— *Ça va?*¹⁶

De repente, a mulher do caixa parou a garrafa de vinho na frente do escâner, levantou a cabeça e me encarou, com ar suspeito, as sobrancelhas no céu, quase desprezando:

— A gente se conhece? — ela perguntou, bem seca.

— Oi? Ah não, não, desculpa, a gente não se conhece, é que eu viajei e que... Enfim, só esses produtos aí.

Moral da história: nos comércios na França jamais se pergunta se a pessoa do caixa está bem. Pode até parecer uma brega tentativa de sedução.

¹⁶ "Tudo bem?"

12 New Paris

A França tem uma relação complexa com a língua inglesa, isso é tão mito quanto fato: de um lado, encontra-se um certo desprezo pelo inglês, oriundo dos séculos de guerra e das conquistas coloniais; do outro, há um fascínio descontrolado pela cultura anglo-saxônica, principalmente norte-americana.

Quando eu morava no Brasil, procurava ir à França todo ano, para visitar minha família e para meu filho criar laços com meus pais e irmãos. Mas a cada viagem, eu percebia várias mudanças no país, cada vez mais fortes. Uma vez, hospedado na casa dos meus pais em Orléans, planejei passar alguns dias em Paris. Geralmente ficava na casa dos meus irmãos que moram na periferia da capital, mas dessa vez, um estava na Sibéria (é antropólogo), e o outro acabara de se tornar pai do meu sobrinho Léon. Portanto, pela primeira vez em anos, fiquei sem casa parisiense e resolvi pagar por um quarto de hotel. Quando me deparei com os preços, fui ver os *Airbnb*. Mas a diferença não era tão grande, ainda menos para uma pessoa só. Perguntei então para um amigo brasileiro em qual albergue ele ficara em Paris na última vez que ele fora. A noite custava uns trinte euros, com café da manhã. Reservei por uma noite. No dia seguinte, acordei bem cedo e peguei o trem em Orléans.

A maior revolução que aconteceu enquanto eu fiquei morando no Brasil foi o crescimento da Internet e das redes sociais. Hoje em dia, os *smartphones* estão em todas as mãos, e para o ocidente, de fato, o inglês é a língua da Internet. E não é mero detalhe: isso muda muita coisa. Ao contrário do que se pensa, uma boa parte dos jovens franceses de hoje fala inglês, aliás muito bem, como a nova geração brasileira de classe mé-

dia que teve a oportunidade de assistir seriados, filmes, escutar músicas, aprender inglês numa escola de idioma no contraturno ou viajar para o exterior. Certa vez, encontrei em Curitiba um americano que estava fazendo um intercâmbio. Lembro de quão assustado ele ficou com a quantidade de música em inglês que passava nos rádios e nos ambientes brasileiros: “eu não imaginava que nossas merdas comerciais passavam as nossas fronteiras” – ele disse com vergonha.

Só que o Brasil não precisa ter vergonha não. Para alguns talvez seja difícil admitir, mas na França, e principalmente em Paris, tudo está hoje em dia em inglês. No final do ano, é muito comum ler *Merry christmas* nas sacolas das lojas parisiense. E posso contar com os dedos os artistas franceses de menos de trinta anos que fizeram sucesso cantando em francês nos últimos anos.

Quando eu morava em Paris, uns quinze anos atrás, trabalhei em uma loja de sanduíches frescos. Eu cursava mestrado e precisava de uma renda para pagar meu aluguel. Naquela sanduicheria éramos poucos funcionários, entre eles o Karim, com o qual eu me dava bem. Era um garoto muito esforçado, fazia hip-hop, queria virar cantor de rap, já tinha aliás muitos textos escritos. Ele tinha muitas referências, era um cara sensacional. Eu trabalhava quase sempre com ele e lembro que eu admirava aquele garoto, alto e malhado, seus talentos, seu carisma.

Certo dia, chegaram duas moças americanas, uma loira e uma ruiva. Olharam um pouco os produtos do balcão e sem falar nem “bonjour” foram pedir direto para nós, como se estivessemos na América: “*Hello, what kind of sandwich do you have here?*”¹⁷. Não haveria problema se diante das duas moças, o Karim não congelara, assustado, mudo, sem resposta, o carisma evaporado, a vergonha na cara. Entendi que ele não falava inglês, o que deixara ele muito mal. Na hora achei injusto

¹⁷ “Olá, qual tipo de sanduíches vocês têm aqui?”

que esse meu amigo grandão, de costume tão forte e tão confiante, ficasse tão diminuído por não falar a língua do visitante. Cheguei ao lado dele, peguei o meu maior sorriso e atendi as meninas. (Na seguinte conversa, traduzi em português o que foi dito em francês.)

EU Bom dia, moças. Posso ajudá-las?

A LOIRA *Hi, do you have some vegetarian sandwiches?*¹⁸

EU Desculpa, moças, não falamos inglês.

A RUIVA *What did he say?*¹⁹

A LOIRA *That they don't speak English.*²⁰

A RUIVA *Oh really?*²¹

A LOIRA *Let's try, I'm hungry. (Para mim) Sandwich? Something to eat? (Para a amiga) How do you say "eat"?*²²

A RUIVA *I think it's "mangiare"?*²³

A LOIRA (Para mim) *Something to "mangiare"?*²⁴

EU Algo para comer? Claro. Temos muita coisa aqui. Com alface, tomates, pepino, tudo o que tem aqui. De qual tipo de pão gostariam?

A RUIVA (Para a amiga) *What did he say? Did he say "bread"? What kind of "bread"?* (Para mim) *Sim, sim, I'd like this bread, este pão. (Para a amiga) Take the same, it's easier.*²⁵

A LOIRA (Para mim) *I'll take the same. O "same", please... favor.*²⁶

A RUIVA *So we'll take two. Dois pães. For her and for me. Para ela, and para mim.*²⁷

EU Então um para ela e um para você. É isso?

A RUIVA (Para mim) *Sim.*

18 "Olá, vocês têm sanduíches vegetariânos?"

19 "O quê falou?"

20 "Que eles não falam inglês."

21 "Sério?"

22 "Vamos tentar, estou com fome. Sanduíche? Algo para comer? Como você fala 'comer'?"

23 "Eu acho que é 'mangiare'."

24 "Algo para 'mangiare'?"

25 "O que falou? Falou 'pão'? Que tipo de 'pão'? Sim, sim. Eu vou querer este pão. Pega a mesma coisa, é mais fácil."

26 "A mesma coisa para mim. A 'same', por favor."

27 "Então dois. Dois pães. Para ela e para mim."

A LOIRA (Para a amiga) *Did he get it?*²⁸

A RUIVA (Para ela) *I don't know, we'll see.*²⁹

Olharam para mim com o sorriso forçado.

EU E o que as senhoras vão querer dentro do sanduíche?

A LOIRA (Para a amiga) *Take everything.*³⁰

A RUIVA (Para mim) *Everything. We'll take everything.*³¹

Daí exagerei um pouco.

EU Desculpa, não entendi. Vamos um por um.

Os olhos delas traíram o desespero.

EU Tomate?

A RUIVA (Para a amiga) *Is that tomatoe?*³² (Para mim) *Yes, sim, tomatoe.*

EU Pepino?

A RUIVA (Para a amiga) *What is that, concomber?*³³ (Para mim) *Sim.*

EU Frango?

A RUIVA (Para a amiga) *Chicken?*³⁴ (Para mim) *Sim.*

EU Quente?

A RUIVA (Para a amiga) *What is "quentchi"?* (Para mim, mostrando o salame) *Is that "quentchi"?*³⁵

EU Não, moça, isso é salame. "Quentchi" é a temperatura. Você quer que eu aqueça no forno um pouco? Forno? Calor?

A LOIRA (Para a amiga) *He's asking if you want it hot.*³⁶

A RUIVA (Para a amiga) *Yes, I got it, I got it.*³⁷ (Para mim) *Sim, "quentchi".*

EU Qual molho?

A RUIVA (Para a amiga) *Did you get it?*³⁸

28 "Ele entendeu?"

29 "Não sei, vamos ver."

30 "Pega tudo."

31 "Tudo. A gente pega tudo."

32 "É tomate?"

33 "O que é isso? Pepino?"

34 "Frango?"

35 "O que é 'quentchi'? Isso é 'quentchi'?"

36 "Ele está perguntando se você quer quente."

37 "Tudo bem, entendi, entendi."

38 "Você entendeu?"

A LOIRA (Para a amiga) *Say no, it's better to say no at least once.*³⁹

A RUIVA (Para mim) *No. Non, thank you. Merci.*

As duas moças saíram e eu vi grandes sorrisos nos rostos dela, talvez felizes com a história que poderiam contar para os amigos. Logo depois, Karim veio falar comigo:

— Cara, eu tinha certeza de que você falava inglês — ele disse.

— Falo.

— Aí por que não falou com elas?

— E se entrassem chineses, você também teria que falar?

Quando conto essa história, muitos brasileiros ficam bravos. Acham que fiz isso por franco-centrismo, que os franceses não querem aprender inglês *por orgulho*. Sempre respondo: você faz uma viagem de quilômetros que horas, quase dias, e que te cansa para caramba para se encontrar com... o mesmo?

Meu trem me deixou cedo em Paris. Fui direto para o centro da cidade, passeei perto da sanduicheria na qual eu trabalhava, no bairro Bastilha. Na frente havia – e ainda há hoje – uma livraria fantástica com uma ótima seleção de títulos. Mais tarde encontrei uma amiga minha que eu conhecera no mestrado. Fomos jantar em um restaurante francês no qual o cozinheiro era um amigo brasileiro. Foi uma noite muito gostosa em que conversamos sobre muitas coisas, entre elas essa americanização da sociedade francesa. Minha amiga não sabia exatamente o que eu queria dizer com isso. Convenhamos que não era bem uma americanização, talvez simplesmente os efeitos colaterais da globalização. Até porque em certos bairros fala-se árabe, em outros chinês, japonês, paquistanês, congolês. Não apenas inglês.

À meia-noite, peguei o último metrô. Meu hostel ficava na estação Colonel Fabien no décimo distrito, a uma quadra do canal Saint-Martin. Quando cheguei para fazer o check-in, me

³⁹ “Fale não, é melhor falar não pelo menos uma vez.”

deparei com uma fila bem grande. Ao meu redor, só havia estrangeiros. O hostel devia estar em um guia internacional ou no TripAdvisor. Aguardei uns dez minutos até chegar minha vez. Quando me chamaram – “next!” –, me apresentei em francês. A moça me olhou sem falar nada, virou para sua colega, me olhou de novo como se eu fosse um monstro e não falou mais nada. Repeti, em francês, “Boa noite, fiz uma reserva na Internet.” Ai a moça pegou meu papel, lentamente, com um certo incômodo e me encarou, com desespero, vergonha talvez: “*Sorry, sir... English? Spanish?*” Acho que fiquei tão surpreso que não consegui responder nada na hora. Percebi que a colega dela também não falava francês. Ao mesmo momento, um outro funcionário – um chefe? – chegou, me olhou e disse: “*Deutsch, Spanish?*”

Falei brincando:

— Português?

— Ótimo, também falo português. Documento?

#diáriodeumgringo

12

Gringo é gringo

Na padaria, com meu filho, o moço do caixa nos atende com muito entusiasmo:

— Cara, desculpa perguntar, mas escutei vocês falando e achei tão bonito, eu também queria fazer isso com meu filho, sabe, acho que vou pagar um curso de idioma para ele, é tão bom, eles aprendem tão mais rápido do que a gente. Como é que você fez?

Sorri para ele, tirando a carteira do meu bolso para pagar.

— É que eu sou de lá.

— Ah é? Então, desde pequeno, você já falava inglês...

Acho que meus olhos ficaram muito abertos, mas me controlei para não deixar transparecer minha surpresa. Também olhei meu filho para ele ficar calado. Claro, eu poderia ter corrigido o moço e explicar que falávamos francês, mas ele estava tão empolgado que eu não queria o decepcionar.

— E você dá aula particular?

13 Merde, putain

Em português eu nunca fui de falar palavrões. Isso por vários motivos. O primeiro, óbvio, é por conta do meu filho: eu não quero que ele os repita. Até há ainda pouco tempo, o único palavrão que ele conhecia vinha da versão francesa do filme *E.T.* do Spielberg no qual escuta-se “*couille molle*”⁴⁰. Contudo, claro, em português, sua lista está bem maior. O segundo motivo é fonético: preciso confessar que, para um gringo, *caralho* é uma palavra impronunciável. Sempre precisei me concentrar muito para dizer corretamente – *carraio, carahio, carrahió* – e acabaram saindo coisas ridículas. Tentei muitas vezes e o esforço nunca compensou a espontaneidade com a qual um palavrão teria que ser dito. Acho que hoje em dia eu até consigo falar quase certo, mas nunca soar tão natural quanto da boca de um nativo. Também, entre nós, essa palavra não é nada imprescindível para sobreviver no Brasil.

Em 2015, um amigo brasileiro migrado ao Québec veio passar um tempo para visitar seus familiares e amigos. Fomos tomar um café e ele me contou sua experiência em língua francesa. No meio da conversa, ele falou uma frase que me marcou para sempre: “Não sei onde a vida vai me levar, mas lá no Québec estou muito feliz. Percebi que posso até morrer lá. Não sei de você, mas quero morrer em francês.”

A frase dele me marcou. Alguns meses depois do nosso encontro decidi voltar um pouco para a França. Eu acabara de completar trinta anos e precisava de um novo rumo para minha vida. Pedi a conta do meu trabalho, vendi tudo o que eu tinha e

⁴⁰Literalmente: “saco mole”. Designa uma pessoa sem coragem, sem atitude, covarde, próximo a “cuzão”.

fiz as malas. No aeroporto, abracei meu filho e embarquei com o coração partido, rumo a Orléans, a cidade da minha infância.

Lá, minhas expectativas foram rapidamente contrariadas. A crise na Europa estava muito forte, e falhei em encontrar um emprego nas primeiras semanas. Depois de dois meses, meu dinheiro estava acabando. Decidi então aceitar qualquer coisa que me permitisse pagar as contas, nem que fosse para algumas semanas. Certa manhã, escutei no rádio que uma grande empresa de vendas a distância, cujo depósito está localizado na cidade na região metropolitana de Orléans, estava procurando uma mão de obra extra para Natal. Me candidatei e fui contratado.

Durante todo esse tempo de desemprego, eu tive bastante dificuldade com a língua francesa. Reencontrei vários amigos da minha infância, passei mais tempo com meus pais, meus irmãos, mas cada vez, eu tinha a impressão de que as palavras não saiam muito naturalmente da minha boca. Eu escutava as pessoas como se elas fossem as gringas, usando uma língua que não era mais a minha. Demorei algumas semanas para acostumar-me e parar de pensar as palavras antes de falar. No início, eu travava bastante, gaguejava, principalmente quando eu queria contar uma história que requeria um vocabulário específico. Acho que ninguém percebia, mas eu sabia. Lembro-me de ter passado entrevistas de trabalho sem conseguir me expressar corretamente, porque o que voltava era um francês informal ou um francês aportuguesado – ou seja, bem errado. O meu francês tinha se tornado escasso e me faltavam palavras importantes que usamos todos os dias em português, como *marcar* um encontro, *barato*, *combinar* algo, *cobrar*. Durante muito tempo, fiquei frustrado e travado em um tipo de intertexto do qual eu não conseguia sair. E era bem isso: um território indefinido perdido em cima do Atlântico, nem completamente lá, nem completamente aqui. Literalmente sem chão. Trabalhar no depósito me fez esquecer essas reflexões.

Era bem físico, cansativo, desumano. Eu trabalhava de madrugada, das nove da noite às cinco da manhã. Pegava o

ônibus durante quarenta e cinco minutos para chegar. Logo no primeiro dia me mandaram para o setor de devoluções, encarregado em recepcionar os pacotes dos clientes insatisfeitos. Era um trabalho de cão mesmo. Eu tinha que ficar de pé a noite toda diante de uma esteira rolante comprida que nunca desenhava de pacotes. Em menos de um minuto – tudo era cronometrado –, tinha que pegar uma caixa, escaneá-la, abri-la com alfinete, checar os itens de dentro, seu estado, indicar o motivo da devolução, e decidir no sistema se o cliente ia ser reembolsado ou não. Era um trabalho mecânico, ruim e difícil, mas me garantia uma renda um pouco superior à renda mínima da França, fora os benefícios por trabalhar de madrugada.

Apesar de ser um trabalho braçal e duro, com um horário muito louco, fiquei no início muito feliz em poder encontrar pessoas francesas que eu não conhecia e que não me conheciam. Claro, eram perfis atípicos, pessoas de alguma forma excluídas que a sociedade acabara colocando de lado, mas no meio dessas vidas marginais – e eu era uma delas -, redescobri a França, a minha França feinha. Nesta caverna multinacional digna de um conto das *Mil e uma noites*, comecei a me sentir aos poucos *chez moi* - em casa. Lá não tinha regras de etiqueta. Estávamos no pleno inverno e podíamos chegar quase de pijama, sem medo de parecermos feios, ridículos ou inconvenientes. No meio disso, não lembro de ter encontrado uma só pessoa que falasse sem erros gramaticais. Quase todos falavam um francês ruim, porque de fato não era a prioridade. Todo mundo tinha esse emprego para resolver alguma situação emergencial da vida. Até a gerente do meu setor, uma pessoa tão gorda quanto vulgar, cometia um erro de francês a cada minuto e, às vezes, nem conseguia terminar a frase que começara. Como éramos colocados dos dois lados da esteira, passei várias noites conversando com meus colegas. As conversas eram extensivas, duravam horas e rapidamente nos tornamos íntimos. Lembro que nessas falas, eu ainda falava muito “nossa”, enquanto os meus colegas falavam *merde*, *putain*, *putain*

*de merde, la putain de sa mère*⁴¹, o que passava bastante despercebido no meio dos barulhos do depósito. Mas o fato é que eu não conseguia falar xingamentos em francês porque não saíam da minha boca. Naturalmente soltava “putz”, “vixe”, “Je-zuis”, últimos vestígios da minha fase brasileira.

Ao longo das noites, o cansaço físico pesou no meu corpo. Logo na terceira semana de trabalho, comecei a falar menos. Eu voltava para casa em torno das seis da manhã, dormia até umas duas da tarde, almoçava rapidinho, lia um pouco e saía em torno das oito da noite para pegar o ônibus rumo ao depósito. O ritmo era aceitável para quem não tinha vida social como eu naquela época e para quem, de qualquer forma, precisava de dinheiro. Mas a partir daí, meu corpo se rebelou: de um dia para o outro não consegui mais dormir. Virei um zumbi.

Foi em um sábado.

Naquela noite, eu queria muito dormir. Muito muito. Ou ficar tranquilo. Meus olhos se fechavam sozinhos e meus nervos faziam meu corpo fazer gestos bruscos, como quando a eletricidade chega só por doses irregulares. Lembro que eu estava de saco cheio, me perguntando o que eu estava fazendo naquele lugar enquanto alguns meses atrás eu passava noites gostosas assistindo filmes com meu filho. Ao meu lado, meu colega ficava reclamando da vida, da falta de dinheiro, da falta de oportunidades, do fato de estarmos sendo explorados voluntariamente, trabalhando como cães para ganhar uma merreca. Exausto, eu queria fazer o serviço mínimo e escolhia os pacotes pequenos que eram mais fáceis de tratar. Avistei um bem fino que devia conter um livro, mas que estava embaixo de um monte de pacotes. Puxei-o bem forte e sem querer deixei cair muitas caixas do outro lado da esteira, no meu vizinho. Foi aí que gritei para avisá-lo. E o que saiu, de uma voz instintiva, de dentro, de muito profundo, foi só essa elegante palavra: “Me-eeeeerde”. Meu colega nem teve tempo de ver que eu cobrira

41 *Merda, caralho, puta merda, sua mãe a puta* são xingamentos clássicos na França.

minha boca, pegara as caixas de volta, e me xingou. Eu o xinguei de volta, e após alguns segundos o assunto fora encerrado.

Quando voltei para meu lugar, me dei conta e sorri: saíra da minha boca uma palavra que não saíra há anos. *Merde*. E foi só a partir daí, por tão estranho que possa parecer, que me senti novamente francês na França: falando palavrões naturalmente. Durante toda aquela madrugada, repeti com um prazer singelo todas essas palavras proibidas que eu não falara há tempos, percebendo que eu não as usara desde a minha volta. Eu as pronunciava com um prazer inédito, me sentindo tão vulgar quanto francês a cada xingamento, como se essa orgia lexical garantisse minha libertação: *putain, la putain de sa mère, espèce d'enculé, enfoiré, fils de pute, connard, salope*⁴². Em poucas horas, senti-me eu de novo. Eu francesinho, livre e feliz. E na minha boca tinha o gosto da liberdade. Deve ser isso mesmo a *putain de liberté*⁴³.

42 *Porra, sua mãe a puta, seu fodido, canalha, filho da puta, idiota, vagabunda.*

43 *Porra de liberdade.*

#diáriodeumgringo

13

Capacete

Meu filho queria um capacete para andar de skate. Fui em uma loja de brinquedos, e perguntei no balcão.

— Bom dia, moço, você tem *cacetes* para criança?

— Oi? — respondeu com olhar incrédulo.

— Sabe, um *cacete* pequeno, eu queria ver as cores e os modelos que vocês têm.

Ele recuou. Surpreso, insisti, não entendendo por que ele não entendia.

— Vocês não têm *ca-ce-tes*? — repeti articulando.

O moço me olhou com medo.

— Sabe, aqueles que você põe na cabeça para andar de skate ou de bicicleta. Não têm mesmo?

E de repente, sacou.

— O senhor está falando de um *ca-pa-ce-te*?

Meus olhos se abriram. De repente, me dei conta do erro vergonhoso. Fiquei muito vermelho. Muito mal.

— Se o senhor quiser me acompanhar.

— Acho que não preciso mais, obrigado.

14

Tapas e beijos

Em poucos dias, larguei minhas coisas na França, fiz as minhas malas e me despedi dos meus amigos franceses. De volta no Brasil, consegui um novo trabalho, dentro de um colégio, que dependia de uma simples formalidade administrativa.

— Você nos traz essa folha de volta para podermos encaminhar sua contratação.

O consultório ficava em uma avenida bem movimentada. Cheguei bem na hora e fiquei esperando ser chamado. Poucos minutos depois, apareceu atrás do balcão uma senhora baixinha de jaleco branco e de cabelos alaranjados, queimados tanto pela idade quanto pelo sol brasileiro. Gritou meu nome. Eu fiz um sinal, levantei-me e segui em sua direção. Lembro que a senhora me encarou dos pés à cabeça antes de desaparecer em um corredor no qual me enfiei quase correndo para não a perder de vista. Eu a encontrei de novo parada no meio do caminho, terrível tronco duro que não expressava a mínima emoção. Entramos em uma sala minúscula, sem janela, e iluminada apenas com uma luz branca. A médica se sentou na minha frente em uma velha cadeira e me convidou, de um gesto da mão, a imitá-la. Pegou minha folha e começou a ler.

— Você está entrando ou saindo?

— Desculpe?

— Neste emprego?

— Ah... entrando.

— Parabéns, é uma empresa boa.

Ela falava com muita seriedade e segura, tudo no mesmo tom.

— Obrigado — respondi, com certa timidez.

— Seu nome é diferente.

Aproximando seu rosto da folha, começou a decifrar sílaba por sílaba.

— Você é de onde? — ela falou me encarando com certa desconfiança, como se eu fosse um vilão a ser desmascarado.

— Da França — confessei.

E do mesmo jeito que ela tinha ficado dura comigo, se tornou subitamente um doce.

— Hum... você é de lá mesmo? — disse, cheia de melancolia.

— Sou francês, sim.

— Que bom.

Mas este *bom* não pareceu nada bom. De novo, ficou brava.

— Eu também — comentou, sem olhar para mim.

— Como assim? — perguntei surpreso, porém com certo entusiasmo. A senhora é da França?

— Não, sou italiana — respondeu.

— Somos europeus então — falei sorrindo, procurando sua simpatia.

— Sim — respondeu secamente, sem sorriso.

Silêncio. Mergulhou um instante em seus pensamentos. Aí voltou a doçura:

— Que nome lindo, *Sylvain Adrien*...

Mas de novo, sem pré-aviso, a braveza:

— Essa sou eu. *Adrien*. Sou a Adriana. Sou italiana. Sou a Adriana.

Em uma situação normal, eu teria perguntado se estava tudo bem, pois comecei a ficar confuso com as mudanças de tom. Parecia que uma melancólica doçura habitava a médica enquanto a segura da vida a trazia para a realidade, como dois fantasmas lutando para tomar o controle deste corpo miúdo. Era ao mesmo tempo uma mulher doce e a bruxa do mal, o beijo e o tapa, tudo junto e alternado, e eu no meio tentava ficar calmo e educado, observando esta criatura cujas placas tectô-

nicas internas estavam em tensão. Por sorte, voltou a doçura.

— Então você é de lá? Da França mesmo?

— Sou, sim.

E brava, bem brava, quase gritando:

— Está louco? O que faz aqui? Volte para lá!

Levei um susto, recuei e mal tive tempo de reagir que a doçura tinha voltado:

— *Io parlo italiano* — cantarolou, cheia de ternura, com a mão subindo no ar.

Tentei sorrir, apesar da confusão.

— Eu não falo nada de italiano.

— É que eu sou italiana.

— A senhora é de onde exatamente?

— Do Norte. Genova. Sou a Adriana.

As imagens encheram nossas mentes e ficamos em silêncio.

— Você é de Paris?

— Não, de Orléans.

— Hum... Orléans.

A doçura. A mão no ar.

— A senhora conhece?

— Conheço, conheço.

A mão dela começou a preencher o formulário.

— Altura? Peso?

Ela anotando.

— Fica perto de Paris — expliquei.

— Sim, conheço. Paris é bonita, não é?

— Eu gosto — eu disse com saudade.

E a braveza:

— Mas os Árabes compraram tudo agora!

— Como assim? — eu disse espantado.

Doce:

— Pode sentar-se aqui. Me mostra suas pernas.

Sem esperar, ela levantou minha calça para avaliar minhas canelas.

— Os médicos de hoje não olham mais as pernas. *Eu* olho.

— Tudo bem — respondi, confuso.

— Abre a boca.

Abri a boca.

— Eu tinha oito anos.

Comecei a ficar perdido.

— Peguei o barco com meu pai.

Ela olhava bem fundo na minha garganta.

— Nesta idade a gente não apita não. Pode fechar.

— E a senhora não tem vontade de voltar?

— Abre a camisa.

— Assim?

— Só um pouquinho.

Colocou o estetoscópio frio na minha pele quente e continuou seca:

— Voltar como?

— Como o quê?

— Depois de criar raízes. Tenho minha filha aqui.

— Eu não quero voltar por enquanto. Eu gosto do Brasil.

A braveza:

— Gosta do quê? Eu sou italiana.

— De muitas coisas...

— Perdi a cidadania italiana quando pedi a brasileira. Não faça isso nunca.

— Perdeu mesmo?

— Cancelaram a italiana, mas depois me devolveram.

Isso é um escândalo. Eu sou italiana. Tenho o passaporte italiano, sou italiana, sou a Adriana. Você imagina?

Não imagino não.

— Os Árabes compraram os Champs-Élysées. Não é mais a mesma coisa.

— Oi?

Deixei-a dissertar:

— Pode isso? Compraram tudo. Pode fechar a camisa.

Fuma?

— Não.

— Vou te dar um conselho.

— Está bem.

— Não seja bobo que nem eu.

A confusão chegou no seu auge.

— Pague a previdência lá. Pague. Aqui é uma mixaria.

— Mas eu moro aqui.

— Tenho mais de setenta anos e ainda preciso trabalhar.

Fui boba. Você paga a previdência lá e depois se aposenta lá.

— Entendi.

A braveza:

— Não entendeu não: pague já! Peça para sua família ou um amigo pagar lá, mas faça logo!

Ela estava vermelha. Fiquei com medo, tentando acalmá-la.

— Está bem, vou ver isso, prometo.

— Como veio parar aqui?

— Eu tenho um filho.

— Você tem um filho?

— Sim, de oito anos.

Atrás da escrivaninha, ela levantou o rosto devagar, procurando imagens no teto:

— Eu tinha oito anos, eu...

— A senhora lembra muito bem da sua chegada, não é?

— É que sou italiana, sou a Adriana.

— O meu filho chama-se Valentin.

A doçura:

— Que nome... *Valentino*...

— Sim.

A braveza:

— Ele tem passaporte francês?

— Sim, já tem a dupla cidadania.

— Está certo — respondeu, se acalmando. Está tudo certo, então, moço. Só entregar essa folha para sua firma.

- Tudo bem, obrigado.
- *Arrivederci.*
- Sim, bom dia, senhora.

#diáriodeumgringo

14

Sentimenções

Eu estava muito gripado. Em casa, uma amiga veio me visitar.

ELA O que você sente?

EU Como assim "o que eu sinto"?

ELA Você não está doente? O que sente no corpo?

EU Não faço ideia. Nunca perguntaram para mim o que sinto. Tô mal, só.

ELA Você não vai me dizer que na França os médicos não perguntam o que sente?

EU Eles perguntam o que a gente tem, não o que a gente sente. Sentir é muito íntimo...

ELA Mas como podem diagnosticar o que você tem sem saber o que você sente?

EU Sei lá. Sentimento não é científico. A maioria dos médicos quer saber o que você tem, seus sintomas.

ELA Tá.

Ficou pensativa um minuto.

ELA Mas agora, o que você está sentindo?

15

Sou mosaico

Todos.

Nós.

Nascemos.

Sem palavras.

Nus, em uma página em branco, sós.

Durante semanas, meses, anos, ficamos ouvindo.

Escutando.

Absorvendo.

A mãe, o pai, os irmãos, os avós, os primos, os amigos, os vizinhos.

Aos poucos, a deformada pasta de sons vai pegando forma.

Começamos a enxergar por onde capturar os pedaços da grande onda.

As frases feitas por palavras feitas por sílabas feitas por sons.

E, do nada, um dia, a primeira palavra sai da própria boca, de nós.

Sai besta, mas sai e vai, não um só som, é uma palavra.

A mãe, o pai, os irmãos olham para a criança com um olhar novo.

— Ele falou alguma coisa?

Falei que queria brincar do jogo da língua.

Posso jogar junto, que eu quero falar?

Mas para brincar tem que ter mais peças.

Aí a criança junta pecinhas de todos os cantos.

Da mãe, do pai, dos irmãos, dos avós, dos primos, dos amigos, dos vizinhos.

Faz biquinho, abre a boca, cospe, se afoga.
 Tenta de qualquer jeito brincar com os novos brinquedos.
 Pergunta-se: como seria se lembrássemos, para cada palavra, da pessoa que a ensinara?
 Duvido que alguém na terra lembre de sequer uma.
 Seria como lembrar de cada segundo da vida.
 Pois língua é tempo, e tempo é vida.
 Ou língua é vida, e vida é tempo; sei lá.
 Mas vamos voltar ao território da língua.
 "Mamar" deve ser da mamãe, "papar" deve ser do "papai".
 "Brincar" foi dos irmãos.
 Acho que está tudo bem até então.
 Depois veio "brigar" que tem o mesmo som.
 E tem tantas outras peças aí nas páginas que mamãe e papai seguram para contar.
 Dizem que livros são ótimos para peças novas.
 Será que ainda poderei brincar^{irmão} quando eu não for mais mamar^{mamãe} ?
 Aí a criança cresce, cresce rápido, mas cresce em francês.
 Pois é minha língua, não escolhi não.
 Acontece que um belo dia atravessa o Atlântico.
 Ao chegar na nova terrinha, joga suas palavrinhas, e se depara com um problema.
 Aqui suas peças não valem mais nada.
 Aqui o jogo tem formas diferentes.
 São peças incompatíveis, peças gringas, peças sós.
 Ninguém avisou que mudara o jogo.
 O menino perdeu tudo, sua fortuna, seu tesouro.
 Tem que voltar do zero.
 De novo sou criança, de novo sem peças, de novo só.
 Mesmo assim quero brincar com os outros.
 Então vou lá eu conquistar cada palavra.
 Primeiro ouvindo, escutando, absorvendo.
 Fiquei muito tempo em silêncio.

Muito só, muito dó, muito mudo.

Juntei novas palavras, novos sons.

Que me ensinaram muita gente, muitos amigos.

E dessa vez, de muitos eu lembro, pois eu já era adulto.

Céu azul^{Rodrigo do yoga}, pô^{Um ator de novela}, animal^{Leonardo}, fofuradã^{Boganika}, sensacional^{Patrícia}, borocoxô^{Mara}, terrível^{Joana}, kiksiker^{Fernanda}, fé^{Morena}, supino^{Rassius}, sabia^{Bea}, movimento^{Luciana}, sozinho^{Caetano}, saudade^{Bruna}, orgânico^{Onaur}, bacana^{Lygia}, fraldinha na mostarda^{Silvia}, cafuné^{Webert}, carinho^{Valentin}, doce^{Nina}, raspadinha^{Nelly}, desconhecido^{Pedro}, Jesus^{Roberta}, supimpa^{Matheus}, gente^{Rafaela}, deparar-se^{Cassiana}, rangar^{Vitor}, aqui ó^{Pati}, zagueiro^{motorista do Uber}, meRmo^{Rodrigo}, cheguei^{Nasti}, viga^{João}, volte-e-meia^{Ana}, pois é^{Marcelo}, borboletinha^{Marisa}, bicha^{Germano}, paladar^{Leo}, e tantos, tantos outros.

É uma bela bagunça as peças que me deram.

Às vezes acho que é uma obra.

De arte, uma verdadeira.

Um tipo de mosaico.

Do qual seríamos cada um de nós um pedacinho dos outros.

Mais uma vez na vida eu pude voltar a ser criança.

Que brinca, adora, joga, ri, fala.

E quando se afoga não está mais só, mas em ótima companhia.

Com as pessoas queridas que as palavras carregam.

O que carregam palavras.

João, Thiago, Maria e Sandra.

E como esse jogo termina?

É um quebra-cabeça, você disse?

Mas qual é a imagem final que deve aparecer?

Acho que já sei o que as minhas palavras vão mostrar quando eu for falar tudo certo.

Sim, o desenho só pode ser eu, já que quem fala sou eu.

Euzinho, apenas eu.

No meio dos outros.

Eu^{Sylvain} mosaico.

No meio da grande pintura.
Que é a maravilhosa língua portuguesa.

#diáriodeumgringo

15

Fique com Deus

No meu primeiro emprego no Brasil, na festa de despedida de uma colega. Era uma pessoa muito querida, de uns sessenta anos. Todos os colegas se reuniram em uma sala em frente a um buffet de doces e salgados. No final, como todo mundo, fui abraçar ela e lhe dar meus parabéns. Mas naquele exato momento, ela articulou para mim essa frase simples que me tocou muito e que, aliás, ia ouvir muitas vezes depois:

— Fique com Deus.

Como foi a primeira vez que falaram isso para mim, achei muito forte. Precisa entender que eu peguei as palavras no sentido literal, não como apenas uma expressão coloquial. Recuei então um pouco, traduzi de novo dentro de mim cada palavra que ela quis dizer, e emocionado, abracei minha colega de volta, muito honrado. Em um país laico como a França, não se falam nunca essas fórmulas.

Anos depois, ao escrever esse texto, lembrei-me dessa cena na padaria do meu bairro em Curitiba. Pois, ao se despedir, o moço do caixa falou para mim, de um jeito muito natural:

— Fique em paz, *brother*.

Você pode pensar que são só palavras. Mas garanto, mesmo após vários anos de Brasil, me senti muito bem, o dia todo.

16 Bússola

Na saída do elevador virei à direita. Era um corredor bem grande no qual havia muitas portas de madeira, cada uma com nomes que eu desconhecia. Um tal de doutor, uma tal de professora. Era minha primeira vez ali e eu procurava o número certo que me informara por e-mail. Meus sapatos batiam o taco embaixo dos neons brancos, ecoando no vazio como se eu fosse o único ser vivo desse prédio assombrado. A atmosfera era pesada, a decoração passada, típica dos anos 80. A minha alma andava meio perdida. Minhas mãos estavam úmidas. Eu procurava uma saída. Um sentido.

Do lado direito, uma luz saía de uma porta aberta. Muita luz, aliás. Branca. Aproximei-me e enxerguei a silhueta de uma pessoa. De costas, ela estava lendo um livro tão grande que me parecia um dicionário. Meus olhos foram para a janela, no fundo. Atrás, a cidade vista do décimo andar; estávamos no alto mesmo. Mas não deu tempo de meditar sobre as alturas da vida em que eu me encontrava, a silhueta já sentira minha presença. Seu rosto que eu descobria só nessa hora – pois falávamos só por e-mail – virou para mim. Contato de olhos. O primeiro. Pareceu amor. Era esperança: minha.

S. é professora da universidade. É uma pessoa doce, firme, extremamente bem-educada e com uma cultura tão grande quanto rápida a sua fala. Ao nosso redor, o escritório estava muito bem arrumado. Demais até. Parecia uma cena de crime antecipado. S. foi fechar a porta. No nosso silêncio, minha respiração ficou tensa; no meu peito, meu coração começou a bater rápido. Em alguns segundos, ela pediu para eu me sentar, contou sobre a loucura das temperaturas da estação, a Fran-

ça, a universidade, a frieza dos corredores, o gênio dos autores norte-americanos que seu marido traduz – um cara tão modesto quanto gênio –, *não leu Foster Wallace? Roth?* E já abordamos os escritores franceses que ela conhecia muito bem.

— Então, vamos lá. Como posso te ajudar?

Expliquei que queria ver com ela as possibilidades de entrar no doutorado, uma vez que saíra a revalidação do meu mestrado.

— Você acha que seria possível, mesmo eu sendo estrangeiro?

Com muita paciência e carinho, me explicou o processo de seleção, o projeto, a prova, a defesa do projeto. Vimos a falar sobre minhas ideias e gravei na minha cabeça cada segundo dessa conversa. S. era impressionante: ela sabia tudo mesmo. Cada vez que eu jogava o nome de um autor, clássico ou contemporâneo, ela o conhecia ou já ouvira falar. Aliás, ela não tinha problema nenhum em criticar a literatura francesa, o que para mim foi um grande choque. Percebi naquele momento que na França ninguém fala mal da língua. Ninguém fala mal da literatura francesa. É intocável, sagrada, divina. Mas S. não estava nem aí, e com a maior naturalidade enfiou uma faca no meu coração e girou, girou, girou até cortar meu ar.

— Vamos combinar, vocês falam uma língua que não mudou nada há 400 anos.

Parece bobagem, mas eu nunca ouvira ninguém se atrever a falar isso. A S. foi a primeira pessoa da minha vida – e uma pessoa em que acredito – a ousar a blasfêmia. Dei um sorriso contido. A S. continuou, girando a faca.

— Parece que a língua francesa está bloqueada há séculos com sua gramática rígida. Quando foi a última reforma?

E girou ainda mais.

— No século XVIII? Tem tanta coisa ridícula.

Até quase me matar.

— Só que vai acabar morrendo. Uma língua que não se reinventa morre.

Voltei para casa em estado de choque. No mesmo dia retomei um texto em que eu estava trabalhando há meses. Era um texto em francês. Desde meus estudos de faculdade, sempre escrevia textos de ficção, com certa regularidade, mas alguns anos mais cedo, comecei a escrever todo dia, de uma maneira mais profissional, no intuito de publicar. Desta vez, na tela do meu computador, as palavras não conseguiam mais se entender. O texto ficava ruim, eu não entendia o porquê.

Durante dias, retrabalhei as frases, com muito fervor e muita dificuldade. Ao mesmo tempo, com o incentivo dos meus amigos, decidi tentar o processo de seleção do doutorado. Passei na prova de português como língua estrangeira, escrevi um projeto de algumas páginas, e me apresentei na prova de seleção.

Alguns dias depois, recebi as primeiras respostas do original que eu tinha mandado para Paris. Meu texto não cabia à linha editorial, era “fraco demais em termos de acontecimentos romanescos”, ou “o tipo de narração escolhido não funciona até o fim”. Ou pior: “não fica claro o que está em jogo no texto”. Enfim: não era bom. Comecei a colecionar as cartas das editoras, e pensava comigo: “Vai ser para o próximo texto”.

Em dezembro do mesmo ano, recebi a resposta que eu tinha passado no doutorado. Foi uma surpresa tão grande que demorei para acreditar. Fui passar as festas de Natal no interior do Paraná onde ganhei livros em português. Lá, um amigo para quem eu reclamava de não conseguir entrar no mercado editorial francês, resolveu me aconselhar.

— Você está louco? — falei. Claro que eu não posso escrever um livro em português!

Com muita naturalidade, ele replicou:

— Por que não?

Um mês depois, quando voltei para a minha casa, abri a tela do computador. Uma página em branco. Fechei os olhos, respirei fundo e dentro de mim pedi perdão ao “francês”. Não era bem uma traição, expliquei para *e/le*. A língua é a última peça

da terra original de um estrangeiro. Eu só quis tentar uma coisa com meu novo hóspede, a minha nova casa. Deixei o português entrar, devagar. Eu sabia que de qualquer forma ele já estava lá, prestes a me derrubar. Senti-o se aproximar, sutilmente, como um jovem tímido, desajeitado e gaguejando, muito jovem mesmo, e deixei-o tomar conta da tela. Eu tinha resistido tanto tempo, agora era a vez dele. Ao lado dele, o francês, um senhor de idade bem-vestido e cheio de acessórios e de sofisticação, o desprezava, resmungando. Ignorei as reclamações do velho e incentivei o moço a se soltar.

E aí ele se jogou. Muito. Demais até. Nunca imaginei que esse jovem pudesse entrar com tamanha violência, arrancando tanta coisa de dentro de mim e jogando toda minha sofisticação para as águas. No início, tenho que confessar, eu quis jogar ele fora da minha casa. Ele destruía tudo, toda a beleza que eu queria colocar nas palavras. Mas o moço português era engenhoso. Ele tinha plantado na minha cabeça uma ideia de livro que só fazia sentido em português, e não tinha mais como fugir.

Claro, duvidei por muito tempo – até agora! – que um gringo pudesse se tornar escritor em língua estrangeira. E mesmo lembrando do François Cheng, cidadão chinês que se tornou membro da Academia Francesa de Letras, quem era eu para me comparar tais mestres? Em seu ensaio chamado *L'urgence et la patience*⁴⁴, o francês Jean-Philippe Toussaint explica que “se [Samuel Beckett, inglês que ganhou o Nobel de Literatura] escolheu escrever em francês, é porque o idioma francês lhe pareceu como uma língua na qual pode-se escrever sem estilo, enquanto o inglês lhe oferecia muitas ocasiões de virtuosidades.”⁴⁵ Concluí que o português era uma porta para a minha liberdade e abracei o moço gringo sem mais receio.

Só que não foi tão simples. Apesar da minha abertura, o

44 Não traduzido em português. Literalmente: “A urgência e a paciência”.
45 « Si [Beckett] choisit d'écrire en français, c'est parce que le français lui apparaît comme une langue sans style, alors que l'anglais lui offrirait trop d'occasion de virtuosités. » em *L'urgence et la patience*, Jean-Philippe Toussaint, Paris : Éditions de Minuit, p. 103.

carinha continuava agitado. Vinha tudo de uma vez, como um turbilhão, tudo misturado. Meus dedos se agitavam no teclado em uma febre estranha, não paravam, e eu escrevia sem pensar nas regras ortográficas que eu nem conhecia, nos acordos gramáticos que eu não dominava, nas conjugações que eu inventava na hora, cuidando apenas em deixar fluir o texto e encher a página com uma ideia coerente. Nem sei se era bem em português o que eu escrevia, às vezes acho que foi uma interlíngua, franco-portuguesa, uma língua transitória, a *minha* língua.

Usar uma língua é carregar em cada palavra memórias afetivas que você defende ou recusa. O português era leve. Eu escrevia como se eu tivesse nascido no primeiro dia que pisara no solo brasileiro. Ou seja, escrevia quase virgem, sem vergonha, sem expectativa de reconhecimento, de inserção social, de brilho. Nunca serei brasileiro, de fato, e não sou ninguém no Brasil – nem na França –, então eu tive a oportunidade de ser quem eu sou, sem medo, sem ter nada a comprovar, nada a quem comprovar, apenas escrever para contar uma história. Escrever sem correntes ou algemas. Escrever como viver.

Foi durante esse processo que percebi o grande poder do português: ao contrário do francês, a língua portuguesa ainda pertence ao povo. No Brasil, o português é de fato dos brasileiros. Todos brincam com a língua, até mesmo sem perceber. Quantas vezes falaram para mim que “não existe erro em português, se você conseguir ser compreendido”? Quantas vezes eu li “meldels” nas redes sociais para falar “meu deus”? Na França, quem escrever errado é considerado burro. No Brasil, pode parecer legal. Porque a língua de vocês é cheia de vida. Minha língua, o francês, foi roubada por pessoas conservadoras que não querem que nada mais mude.

Escrevendo febrilmente atrás da minha tela de computador, eu me revi nessa sala da universidade, ouvindo as palavras assassinas da professora S. Ela tinha razão. Uma língua que não se reinventa morre. É por isso que amo tanto o português. Porque vocês reconquistam sua língua a cada dia.

Passada a euforia das primeiras páginas, das ideias, da libertação, do gozo, cheguei a uma coleção de textos mais ou menos coerentes. Fiz centenas de recorte, de reescritas, de releituras. Parecia que toda hora eu aprendia uma nova regra e tinha que revisar o texto inteiro. Reescrevi cada crônica dezenas de vezes, comparando as frases com aquelas que encontrava em vários livros da minha biblioteca, do meu filho, de amigos, só para conferir se “soava brasileiro”. Na mesma época, eu estava relendo em francês *O Mapa e o território* de Michel Houellebecq, um romance no qual o autor se coloca em cena e se mata, *ficcionalmente*. Eu também queria um livro no qual eu pudesse me matar enquanto francês e me libertar dos intelectuais que fizeram da minha língua materna um museu de antiguidades. Veio então a ideia de juntar estes textos em um livro que tratasse da língua portuguesa. Um livro que me fizesse mudar de caminho, ou me mostrasse o caminho para esse novo território. Um livro ou uma bússola. Que mostrasse o norte de uma casa nova. De uma nova vida.

Epílogo

Isso de ser exatamente o que se é ainda vai nos levar além.

Paulo LEMINSKI

Voilà, chegamos ao fim da viagem. Onde estou geograficamente não importa muito; sei que o português agora estará sempre comigo. Nunca poderei agradecer o suficiente a todas as pessoas que me acompanharam ao longo do caminho. Foi uma aventura repleta de altos e baixos, mas graças a todos vocês, brasileiros, acho que me tornei enfim quem eu sou. Longe do francês padronizado, longe das raízes, longe do peso das representações sociais, longe do determinismo.

Nunca falarei perfeitamente português, tudo bem. Mas será que isso quer dizer que nunca falarei perfeitamente *eu*? No final das contas, será que existe no mundo uma pessoa que possa afirmar que fale cem por cento *sua própria língua*, a língua do seu corpo, da sua história, da sua alma?

Passei vinte e cinco anos da minha vida no Francês. O tempo cristaliza o território interno da língua. Ou seja, o tempo é um território dinâmico. Das poucas coisas que entendi nessa jornada é que a língua é viva. É vida. Temos que cuidar dela, alimentá-la, treiná-la, lavá-la, pois senão morre. No Brasil, tive que abrir mão do francês, de uma certa forma, para poder viver. Durante meu luto, fiquei um bom tempo mudo. Minhas palavras francesas morreram como folhas secas absorvidas em mim pela terra nova. Mas, como dizia meu ancestral Lavoisier, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Depois de uma tempestade violenta que gerou muito trovão e chuva, lá no fundo do meu pequeno ser, no túmulo do meu francês, algo germinou como o guaraná no túmulo do menino índio. Era uma planta mágica que ia me trazer muita saúde e felicidade.

E essa planta, meus queridos, é o português.
Grato. Imensamente.
Para sempre.

Curitiba, 25 de julho de 2024.



Miolo impresso em papel avana 80g, na cor preta e
capa impressa em papel cartão 250g, 4 cores.
Fonte: Família Figtree.

SINOPSE

“Prepare-se para uma jornada única através das páginas de ‘A Língua e o Território’, onde a travessia de um europeu pela língua portuguesa se torna um espelho fascinante das complexidades humanas. Com um toque de humor e sensibilidade, o autor compartilha suas aventuras desde o Vale do Loire até o coração do Brasil, passando pela Alemanha, revelando os encantos e desafios de aprender um novo idioma. Mais do que uma crônica de amor à língua portuguesa, este livro é uma reflexão profunda sobre como as palavras moldam nossas identidades e territórios, convidando você a explorar, a rir e a se refletir em cada virada de página. Entre nessa viagem inesquecível e descubra os territórios íntimos que a língua esconde.”

O AUTOR

Nascido em 1984 em Orléans na França, Sylvain Bureau veio ao Brasil com vinte e cinco anos, atrás de um grande amor. É formado em Letras - Alemão, pela universidade de Orléans, em Ciências Políticas, pelo Instituto de Ciências Políticas de Lyon e possui mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Paris-Sud 11. Em 2020, concluiu um doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná sobre autoficção. Depois de doze anos em Curitiba, voltou a morar na França. Atua hoje como professor de letras em Lyon.

Avalie nosso projeto.



ISBN 978-65-5422-105-4



9 786554 221054 >